



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

NATÁLIA FERREIRA DA SILVA

**VIOLÊNCIA E SUBMISSÃO: AS TRAJETÓRIAS DAS PERSONAGENS
FEMININAS EM *O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO
MÃE**

João pessoa/PB

2021

NATÁLIA FERREIRA DA SILVA

**VIOLÊNCIA E SUBMISSÃO: AS TRAJETÓRIAS DAS PERSONAGENS
FEMININAS EM *O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO
MÃE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba, por Natália Ferreira da Silva, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Vanessa Riambau Pinheiro

João pessoa/PB

2021

Ao meu sol, minha luz e força maior que
me impulsiona, meu filho Pablo Henrique.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Vanessa Riambau Pinheiro, por gentilmente e prontamente ter aceito me orientar.

Aos membros da banca, Ana Cláudia Felix Gualberto e Jéssica Rodrigues Férrer, pela participação e contribuições que enriqueceram este trabalho.

Aos professores que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica: Franciane da Silva, Edjane Gomes de Assis, Amador Ribeiro Neto, Vanessa Riambau Pinheiro, José Wellisten, Carmen Sevilla e Cirineu Cecote Stein. A vocês, toda minha admiração.

À Ludmila Viana, minha dupla e amiga desde o primeiro dia de aula. Foi muito importante ter por perto alguém que compartilha da mesma empolgação e amor pelo curso. Obrigada pela parceria, pela amizade, pelo incentivo, pelas risadas e por tornar a rotina mais leve.

Às minhas maiores incentivadoras, minhas irmãs, Cibele, Isabele e Thalia, obrigada por sempre acreditarem em mim, por conseguirem acalmar meu coração e por todos os momentos divertidos. Vocês foram essenciais para a conclusão desse trabalho.

Ao meu marido, Hugo, por sonhar meus sonhos, pela confiança no meu potencial, por acreditar que posso alcançar tudo o que desejo. Seu apoio e cumplicidade foram primordiais durante todo curso e na realização dessa monografia.

À minha mãe, Luci Alcântara, obrigada por tudo, pelo apoio, pelas palavras de incentivo e pelo amor.

Ao meu irmão, Elton, e minhas irmãs, Micaely e Nicole, pelas palavras afetuosas e pelo carinho. Saibam que vocês podem realizar seus sonhos.

Ao meu cunhado, Gustavo Santos, à minha sogra, Antônia Maria, e ao meu sogro, João Paulino, muito obrigada pelo apoio. Serei eternamente grata a vocês pela ajuda nos momentos em que mais precisei.

Às minhas queridas amigas de uma vida, Sheila e Rafaela, obrigada pelos conselhos, conversas, pelas leituras compartilhadas e pelo carinho.

“quem é mau, ama com maldade, o violento ama com violência, o fraco
ama com fraqueza, gente estúpida ama com estupidez, e o amor de um
homem livre nunca é seguro”

(Toni Morrison – *O olho mais azul*)

“Espera, reza, obedece
Sorri, agrada, tenta
Deita, dorme atenta,
Fecha a porta da alma, tranca,
Escuta baixinho palavras que matam
E morre um pouquinho, esperando morrer”
(Ludmila Viana – Poema em Vermelho)

RESUMO

A cultura da submissão feminina está enraizada na sociedade desde os primórdios e a violência contra as mulheres perpassa os séculos. Segundo Simone de Beauvoir (1970), no que diz respeito as mulheres, "por mais longe que se remonte a história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não aconteceu" (1970, p.13). Assim, no âmbito da literatura portuguesa contemporânea, a presente pesquisa discute as trajetórias das personagens femininas no romance *o remorso de baltazar serapião*, publicado no Brasil em 2010, do escritor português Valter Hugo Mãe. O objetivo do estudo é analisar a representação feminina e identificar os tipos de violência, contra as mulheres, presentes na obra. A pesquisa é de caráter bibliográfico e a análise foi fundamentada a partir das contribuições de Duby (2011) e Macedo (2002), para discorrer sobre a mulher e o casamento na Idade Média; Beauvoir (1970), para falar da condição e submissão feminina; Saffioti (2011) com o objetivo de tratar sobre gênero e da relação de poder; Žižek (2014) para expor sentidos da violência; Teles e Melo (2012), com intuito de versar sobre a violência contra a mulher, dentre outros.

Palavras-chave: Literatura. Submissão. Violência. Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT

The culture of female submission has been ingrained in society from the beginning and violence against women runs through the centuries. According to Simone de Beauvoir (1970), with regard to women, "no matter how far back in history, they have always been subordinate to men: their dependence is not a consequence of an event or an evolution, it didn't happen" (1970, p.13). Thus, in the context of contemporary Portuguese literature, this research discusses the trajectories of female characters in the novel *the remorse of baltazar serapião*, published in Brazil in 2010, by the portuguese writer Valter Hugo Mãe. The aim of the study is to analyze the female representation and identify the types of violence against women present in the work. The research has a bibliographic character and the analysis was based in the contributions of Duby (2011) and Macedo (2002), to talk about women and marriage in the Middle Ages; Beauvoir (1970), to talk about the condition and female submission; Saffioti (2011) with the objective of dealing with gender and power relations; Žižek (2014) to expose the senses of violence; Teles and Melo (2012), with the aim of talking about violence against women, among others.

Keywords: Literature. Submission. Violence. Valter Hugo Mãe.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 VALTER HUGO MÃE E O ESTADO DA ARTE	12
2 GÊNERO E VIOLÊNCIA	15
2.1 A RELAÇÃO ASSIMÉTRICA DE GÊNERO.....	15
2.2 UMA VIOLÊNCIA ESTABELECID.....	18
2.3 A CONDIÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA.....	21
3 ANÁLISE DA OBRA	24
3.1 VIOLÊNCIA FÍSICA.....	28
3.2 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	34
3.3 VIOLÊNCIA MORAL.....	37
3.4 VIOLÊNCIA SEXUAL.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFÊRENCIAS	49

INTRODUÇÃO

Segundo Antonio Candido (2006) a literatura não é estática, “é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2006, p. 84). É importante salientar, também, que o leitor não age de forma passiva diante de uma obra e esta não é fixa, com apenas um significado (CANDIDO, 2006). Dessa forma, é a partir da relação constante entre autor, obra e leitor que as produções criam vida e diversos sentidos são construídos. Ainda, "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante" (CANDIDO, 2011, p.182). Desse modo, fica claro que a Literatura também age de forma humanizadora, uma vez que nos tornamos mais críticos, complacentes e sensíveis as questões sociais e do outro. Assim, consideramos extremamente importante abordar aspectos e temas presentes em obras literárias.

Historicamente o gênero feminino foi colocado em posição de subalternidade ao masculino. E “a fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc.” (BEAUVOIR, 1970, p. 17). Assim, com a alegação de serem seres inferiores, as mulheres foram subjugadas e violentadas, pelos homens, através dos séculos.

Diversos argumentos foram usados, ao longo dos tempos, para legitimar a visão do que é ser mulher e qual deve ser sua conduta e atuação na sociedade e, Tedeschi (2012, p. 17) analisou em seu livro, “As mulheres e a história: Uma Introdução Teórico Metodológica”, “a construção histórica-filosófica dos vários discursos que em certa época conferiram um caráter científico e natural aos papéis da mulher, do que significa ser mulher”. Dentre os discursos, destacamos dois:

O primeiro discurso a ser utilizado para a designação dos papéis sociais femininos é da matriz filosófica grega. Considerando as mulheres seres “imperfeitos por natureza”, menos valiosas, portanto, inferiores aos homens, estas, naturalmente deveriam ser submetidas a eles [...]. “o discurso da Igreja, gestada ainda no período clássico, cria de uma forma absoluta, certas, concepções, imagens sobre as mulheres, impondo um estatuto de celibato e castidade. (TEDESCHI, 2012, p. 17).

Destarte, fica evidente a constante busca para justificar as diferenças, aviltando a mulher, cerceando sua liberdade e ditando sua sujeição ao homem, que gozava de todos os benefícios por ser considerado superior. Há um grande empenho em fomentar a hegemonia do sexo masculino, tido como um ser valioso.

Na Idade Média não foi diferente e “como em qualquer outro período, a sociedade definiu os papéis e os lugares reservados aos sexos” (MACEDO, 2002, p.10). E, como esperado, foi imposto a mulher o papel de frágil e subalterna. Outrossim, estava presente a constante associação da mulher à Eva e conforme Tedeschi:

A mulher é vista como ameaça sedutora e, ao longo dos tempos, especialmente na Idade Média, acusada de união sexual com o demônio, representando um instrumento do Mal. Satanás é considerado o oponente da salvação humana e do Bem e a mulher é demonizada a partir da sua alegada ligação com ele por via da serpente e do pecado original. (TEDESCHI, 2012, p. 69).

Isso evidencia a visão negativa sobre a figura feminina, continuamente relacionada a imagens perversas, vista como perigosa, fraca e que está propensa ao pecado. Entretanto, segundo Tedeschi, na Idade Média, a imagem feminina também foi associada a Virgem Maria:

O discurso grego, matriz filosófica de outros discursos, conjuga-se, na Idade Média com o discurso clerical, em que a origem desvalorizada do feminino em Aristóteles sofre uma mudança moral com a construção do mito da Virgem Maria. Dessa forma, o discurso da natureza feminina, os mitos de mulher e mãe, conjugado com o discurso judaico-cristão “predestina” as mulheres para as tarefas da maternidade. (TEDESCHI, 2012, p.17).

Assim, fica claro que “há como que uma tentativa de possibilitar à mulher uma espécie de saída para a sua condição de pecaminosa descendente de Eva. Esta possibilidade é, porém, dada através do fornecimento de um modelo ideal e idealizado” (TEDESCHI, 2012, p. 70), ou seja, é necessário que as mulheres busquem se distanciar da imagem de Eva e se assemelhar ao da Virgem Maria. Isso mostra que a criação dessas representações femininas, tem o objetivo de atuar no controle.

Constatamos que a Idade Média foi um período infausto para as mulheres. Contudo, segundo Macedo (2002, p. 13) “a Idade Média não inventou a desigualdade entre

os sexos. Esta remonta aos primórdios das sociedades organizadas e hierarquizadas, ao aparecimento das civilizações”.

É a partir dessa visão de superioridade masculina que ocorre a dominação do homem e submissão da mulher. Essa condição é uma construção social e cultural e, de acordo com Bourdieu (2012, p. 18) “a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. Isso se sustenta com a divisão de trabalhos, lugares que cada sexo deve ocupar, distribuição de atividades, etc.

Joan Scott (1995, p. 86) define gênero em duas partes: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Logo, para o gênero masculino fica as posições privilegiadas de comando e poder, já para o feminino as de obediência e servidão. Para Madeira e Costa:

As relações de gênero constroem e estruturam papéis e funções do que é ser homem e do que é ser mulher em uma mesma sociedade, historicamente esses papéis constituíram e fomentaram relações desiguais, quando se depositou valor numa suposta superioridade masculina e numa suposta inferioridade feminina, sobressaindo à violência de gênero. (MADEIRA; COSTA, 2012, p. 87).

Desse modo, para a manutenção de sua posição, de poder, o homem utiliza diversos meios e “como a pesquisa feminista tem mostrado, a violência sexual é uma ação competente; ela é, em geral, propositada e tem como objetivo a manutenção da supremacia masculina” (CONNELL, 1995, p. 188). Além disso, sabemos que são usados outros tipos de violências com o mesmo objetivo: violência física, violência psicológica, violência financeira/patrimonial e violência moral. Assim, podemos inferir que as relações de dominação e gênero estão diretamente ligadas a violência.

Diante do exposto, essa pesquisa tem por objetivo discutir as trajetórias das personagens femininas, bem como investigar as violências contra a mulher presentes no romance português contemporâneo *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe. A escolha do corpus se deu pelo impacto causado na leitura da obra, que provoca uma verdadeira inquietação com as cenas brutais de violência, pela crueza que são narradas e singularidade da escrita. Além disso, há uma necessidade urgente em se discutir a violência contra a mulher que é tão presente na atualidade e, no que diz respeito ao romance, a

misoginia, a desumanização e subjugação do feminino que perpassa a obra nos fazem refletir sobre a sociedade atual e a condição da mulher ao longo dos tempos.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que busca discorrer sobre a representação do feminino e a análise foi fundamentada a partir das contribuições de Duby (2011) e Macedo (2002), para discorrer sobre a mulher e o casamento na Idade Média; Beauvoir (1970), para falar da condição e submissão feminina; Saffioti (2011) com o objetivo de tratar sobre gênero e da relação de poder; Žižek (2014) para expor sentidos da violência; Connell (1995), para refletir sobre as políticas da masculinidade; Teles e Melo (2012), com intuito de analisar as violências contra a mulher presentes no romance, dentre outros.

Para tanto, a pesquisa está estruturada em três seções: na primeira há a apresentação do autor, contextualização de suas obras, exposição dos estudos existentes no Brasil e em Portugal sobre a obra analisada e também discutiremos sobre o estado de arte; na segunda, iremos discorrer sobre gênero e violência, evidenciar como essa relação acontece e refletir acerca da subordinação da mulher na sociedade patriarcal; na terceira, analisaremos a obra buscando identificar que tipos de violência contra a mulher estão presentes, destacando a passividade e silenciamento das personagens femininas diante dessas situações; por fim, trataremos as considerações finais, resultantes da análise do corpus.

1 VALTER HUGO MÃE E O ESTADO DA ARTE

Valter Hugo Lemos nasceu em Saurimo, na Angola, em 25 de setembro de 1971. Aos dois anos mudou-se, juntamente com sua família, para Portugal onde se radicou. Estudou Direito e chegou a trabalhar na área. Fez Pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. É considerado um dos principais e mais destacados autores portugueses contemporâneos.

Conhecido por Valter Hugo Mãe, o autor explica, em entrevista concedida a revista *Cult* em 2011 o motivo de ter escolhido usar o nome artístico “Mãe”, ele diz que percebeu “que a mãe, numa generalização, será o ser humano mais capaz de um amor incondicional. Por utopia, o escritor, ou o artista, procurará suscitar por uma obra o mesmo sentimento de proteção incondicional” (MÃE *apud* KODIC, 2011, s/p.).

Escritor multifacetado, é romancista, poeta, autor de livros infantojuvenis, dramaturgo e cronista. Sua obra foi traduzida em diversas línguas e lançada em diversos países como Croácia, Colômbia, Alemanha, França, Israel, dentre outros. Além disso, é um

autor premiado, entre os prêmios que ganhou estão: Prêmio Literário José Saramago, Prêmio Telecom de Literatura e Prêmio Almeida Garret.

Foi em 2011 que o escritor ganhou o reconhecimento do público brasileiro com sua participação que “causou furor na nona edição da Festa Literária Internacional de Paraty” (KODIC, 2011, s/p.), considerado um sucesso, foi aplaudido de pé pela plateia animada/emocionada e, segundo Salles (2018, p. 30) “suas obras têm sido aclamadas, tanto pela crítica literária quanto pelo público em geral”.

No que tange suas obras, a tetralogia das minúsculas composta pelos romances: *nosso reino* (2004); *o remorso de baltazar serapião* (2006); *o apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquina de fazer espanhóis* (2010) estão entre as obras mais conhecidas do autor e “embora essas obras sejam independentes e não tenham nenhuma relação entre si, a criação da tetralogia foi uma forma que o autor encontrou para criar uma vida que sugira uma “ideia de completude”. (SALLES, 2018, p. 30). Nesses romances, de acordo com Salles (2018, p. 30) “valter hugo mãe procurou abordar as quatro fases da vida humana” a infância, a juventude, a fase adulta e a velhice. Quando questionado em entrevistas sobre o motivo de ter optado por grafar as palavras com letras minúsculas, nesses romances, o autor afirma que “as minúsculas vão ao encontro da oralidade e do modo como pensamos. Pretendem alcançar uma ideia de igualdade e certa aceleração na leitura” (MÃE *apud* FREITAS, 2011, s/p.). Logo em seguida, a partir da publicação do livro *O Filho de mil homens* (2011) Mãe passou a utilizar as maiúsculas e sobre isso o autor diz: “era muito redutora a forma como muita gente falava dos meus livros, como sendo apenas os daquele escritor das minúsculas. Não gostaria de passar a vida toda sendo catalogado de modo tão redutor, e não queria passar a vida toda investindo numa fórmula. (MÃE *apud* KODIC, 2011, s/p.).

O romance *o remorso de baltazar serapião* foi publicado em Portugal, pela editora QuidNovi, em 2006. No Brasil, a publicação ocorreu em 2010. O livro possui vinte e oito capítulos e nele é contada a história da família dos Sargas, que na verdade são os Serapião, mas que todos conhecem por Sargas devido a vaca que eles criam e que leva esse nome. Narrada pelo filho mais velho, o Baltazar, a história remonta algum período da Idade Média. Os Sargas vivem uma vida difícil e de forma precária, são empregados de D. afonso trabalham e moram nas terras dele. As relações entre homens e mulheres se apresentam na obra cercadas de bastante violência. As violências física, sexual, moral e psicológica, praticadas contra as mulheres, perpassam o romance. Baltazar quer muito se

casar com Ermesinda e sua visão sobre casamento é totalmente distorcida, baseada na relação de seus pais, que é cercada por agressões de toda natureza contra a mãe. O poder dos homens sobre as mulheres está presente em cada página do livro e o casamento assegura esse domínio, posse e subordinação das mulheres. Por fim, Baltazar consegue autorização para o casamento e, a partir da realização do casamento a narrativa começa a ter contornos cada vez mais violentos, visto que ele passa a reproduzir o comportamento do pai.

No tocante aos trabalhos realizados sobre o romance, encontramos diversos artigos publicados em anais e revistas, contemplando múltiplos aspectos. Nos últimos anos, um considerável número pesquisas pautaram-se em abordar e problematizar a subordinação da figura feminina e violência presente na obra, bem como em discutir o insólito, a escrita inovadora, o amor patológico, etc. São os casos de: Arruda (2013) que, a partir do viés sociológico, averigua a violência contra a mulher no romance e evidencia os elementos insólitos que perpassam a obra; Lopes (2016) que analisou, em sua monografia, a performatividade do discurso feminino, relacionando literatura e linguagem. Para tanto, adotou os procedimentos propostos pela performatividade da linguagem aplicada ao gênero, noção desenvolvida no interior da teoria *Queer* de Judith Butler (2003), relida por Sara Salih (2015); Salles (2018) que, em sua dissertação, investiga como a violência contra a mulher é construída e justificada. Nesse sentido, a pesquisadora examina a perspectiva do algoz e o tratamento que o narrador-protagonista dispensa as personagens femininas; Lacerda (2018) que, em seu trabalho, examina o amor patológico na relação amorosa de Baltazar e Ermesinda. Nessa esteira, a autora aponta o fator desencadeador e as consequências do amor patológico.

Contudo, apesar de muitos trabalhos se dedicarem ao estudo da subordinação e violência contra a mulher, existe uma lacuna no que diz respeito a identificação e exposição dos tipos de violência presentes no romance, que é pouco explorada. Acreditamos que é essencial esse enfoque, haja vista que nem sempre é possível a identificação das violências pelas vítimas, como é o exemplo das violências psicológicas, que “podem aparecer diluídas, ou seja, não serem reconhecidas como tal por estarem associadas a fenômenos emocionais” (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007, p. 97).

2 GÊNERO E VIOLÊNCIA

Nesta seção tratamos de temas que irão auxiliar na análise do romance, pois antes de nos debruçarmos sobre a obra é necessário compreendermos alguns conceitos, relações e o contexto em que a narrativa se passa. Para tanto, a dividimos em três subseções.

Na primeira, evidenciamos a visão de diversos autores sobre o gênero, mostrando as concepções, indicando relações que o gênero regula e discorrendo sobre a relação desigual entre homens e mulheres, em que existe uma hierarquia e o homem é o único beneficiado.

Na segunda, abordamos os sentidos da violência expostos por Žižek (2014), trouxemos reflexões sobre as relações de poder presentes nas sociedades e discorremos sobre a violência de gênero e suas práticas.

Na última, versamos sobre a vida da mulher medieval, quais seus papéis, de que maneira deveria se portar e como funcionava o casamento, que era baseado nas relações de poder. Em vista disso, optamos por trazer esta subseção sobre a condição da mulher na Idade Média, visto que no romance existe uma forte referência à inquisição e traz aspectos que remetem a esse período como bruxas, castelos e relações feudais.

2.1 A RELAÇÃO ASSIMÉTRICA DE GÊNERO

Segundo Teles e Melo (2012) por ser um termo amplo o gênero pode apresentar diversos significados. Todavia, “não pode ser confundido com sexo. Este, na maioria das vezes, descreve características e diferenças biológicas, enfatiza aspectos da anatomia e fisiologia dos organismos pertencentes ao sexo masculino e feminino” (TELES; MELO, 2012, p. 16). Ao passo que o gênero:

Pode significar espécie, como quando falamos de gênero humano. Outras vezes, é empregado com sentido de tipo. E que ocorre quando usamos as seguintes expressões: Que gênero de gente é essa? Que gênero de música?. Tem a ideia de estilo literário ou gênero dramático, entre outros tantos. (TELES; MELO, 2012, p.14).

Dessa forma, percebemos que a palavra gênero apresenta múltiplos sentidos e que pode mudar de acordo com o contexto em que é usada. No decorrer dos séculos profundas teorias sobre gênero foram formuladas e alicerçadas em diferentes princípios. Para Saffioti

(2011, p. 45) “gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual”. Destarte, “se o gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica” (CONNEL, 1995, p. 189). Sobre isso, Scott discorre:

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas destas teorias construíram sua lógica a partir das analogias com a oposição entre masculino/feminino, outras reconheceram uma "questão feminina", outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais não tinha aparecido. Esta falta poderia explicar em parte a dificuldade que tiveram as feministas contemporâneas de incorporar o termo "gênero" às abordagens teóricas existentes e de convencer os adeptos de uma ou outra escola teórica de que o gênero fazia parte de seu vocabulário. O termo "gênero" faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1995, p. 85).

Podemos notar que, de certa forma, os estudos sobre gênero como categoria analítica são relativamente recentes e que as feministas se empenharam para buscar espaço e modificar teorias existentes para que fosse possível abarcar temas como as desigualdades entre os sexos. Desde os anos 1980, o feminismo acadêmico formulou a categoria gênero para analisar o trabalho feminino, através do estudo da divisão sexual do trabalho e da injustiça social. (TEDESCHI, 2012, p. 115). Assim, essa perspectiva busca compreender os papéis que cada sexo exerce socialmente e segundo Tedeschi:

A utilização do conceito de gênero embute a ideia de que as relações sociais constituem-se em relações antagônicas e conflitivas. A utilização desse conceito também embute o estudo das implicações das diferenças entre os papéis econômico e social das mulheres e dos homens, facilitando a superação da desvalorização atribuída aos trabalhos realizados pelas mulheres. (TEDESCHI, 2012, p. 116).

Nesse cenário, “a sociologia, a antropologia e outras ciências humanas lançaram mão da categoria de gênero para demonstrar e sistematizar as desigualdades socioculturais existentes entre mulheres e homens” (TELES; MELO, 2012, p. 14). Entretanto, “o conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida” (SAFFIOTI, 2011, p. 45). Além disso, “diferentemente do que se pensa com frequência, o gênero não regula somente as relações

entre homens e mulheres, mas normaliza também relações entre homem-homem e relações mulher-mulher. (SAFFIOTI, 1994, p. 276).

Dessa forma, as pesquisas sobre gênero, categoria histórica, atua nas diversas relações e “cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero havendo um campo, ainda que limitado de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2011, p. 45). Portanto, as sociedades constroem essas imagens e é inconcebível não haver a separação do sexo masculino e feminino. Conforme Tedeschi:

Vários discursos desde a antiguidade vêm construindo a desigualdade de gênero como natural e legitimando as diferenças entre homens e mulheres, construindo um sujeito com uma identidade determinada; impondo através das relações de poder verdades sobre ele. (TEDESCHI, 2012, p. 15).

Em consonância, Saffioti (2011, p. 71) alega que “nas relações entre homens e mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência”. E essas desigualdades estão presentes em diferentes campos da vida, nas atividades dispensadas a cada um, obrigações, condutas esperadas, papéis dentro das relações, etc. foram construídas historicamente.

O gênero também é “um eixo a partir do qual o poder é articulado. Esta articulação processa-se em detrimento das mulheres” (SAFFIOTI, 1994, p. 280). Isto é, “impõe-se o poder masculino em detrimento dos direitos das mulheres, subordinando-as às necessidades pessoais e políticas dos homens, tornando-as dependentes” (TELES; MELO, 2012, p.15). Por conseguinte:

Ser mulher não apenas é diferente de ser homem, como também implica inferioridade, desvalorização, opressão. Embora não haja espaço para se discutir a polissemia do conceito opressão, entende-se necessário indicar, pelo menos, que o oprimido tem seu campo de opções reduzido, sendo objeto de um processo de dominação-exploração. É neste contexto de relações de gênero entre desiguais que se legitimam agressão física e emocional da mulher, assim como o abuso sexual e o estupro. (SAFFIOTI, 1994, p. 277).

Assim, apoiada nas diferenças entre os sexos, acontece a hierarquia entre gêneros, onde impera o domínio do homem que utiliza de diversas vias para a manutenção de seu controle sobre as mulheres, empregando até mesmo a violência para exercer seu poder.

Ademais, como é sabido, os estudos de gênero se dedicaram a mostrar as desigualdades, conflitos e atuações dos homens e mulheres na sociedade. Então, “o termo gênero pode ser entendido como um instrumento, como uma lente de aumento que facilita

a percepção das desigualdades sociais e econômicas entre mulheres e homens, que se deve à discriminação histórica das mulheres” (TELES; MELO, 2012, p.15). Nessa esteira, o romance *o remorso de baltazar serapião* apresenta de forma recorrente essas dissemelhanças, em atividades, posturas e comportamentos das personagens femininas e masculinas.

2.2 UMA VIOLÊNCIA ESTABELECIDADA

O filósofo Slavoj Žižek (2014) discorre em sua obra *Violência: seis reflexões laterais* sobre o sentido da violência e apresenta três perspectivas: a violência subjetiva, violência objetiva e a violência sistêmica.

A violência subjetiva é “diretamente visível, exercida por um agente claramente identificável” e “é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência. É percebida como uma perturbação do estado de coisas “normal” e pacífico” (ŽIŽEK, 2014, p. 17). Ela “nos intimida e amedronta, pois é perpetrada pelos indivíduos de forma direta” (FERREIRA, 2014, p. 539). Desse modo, essa é a que podemos perceber facilmente enquanto é executada e por isso nos assusta, uma vez que reconhecemos a manifestação e o autor do ato.

A violência objetiva “é precisamente aquela inerente a esse estado “normal” de coisas. [...] “é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento” (ŽIŽEK, 2014, p. 17). Segundo Ferreira (2014) essa violência é:

Aquela que se insinua e cria um ambiente de violência que está latente, imperceptível, mas que se exprime em atos racistas, atitudes machistas e homofóbicas e tantas outras formas de expressão que, muitas vezes, são naturalizadas e passam despercebidas. (FERREIRA, 2014, p. 539).

Nesse sentido, constatamos que o fato de ser invisível não a torna irrelevante, pois tem a possibilidade de afetar as sociedades/pessoas tanto quanto a violência subjetiva, entretanto, pode não gerar o mesmo temor devido a dificuldade de identificação e a naturalização.

Por fim, a violência sistêmica que “não pode ser atribuída a indivíduos concretos e às suas “más” intenções, mas é puramente “objetiva”, sistêmica, anônima” (ŽIŽEK, 2014, p. 24). Esta “pode ser invisível, mas é preciso levá-la em consideração se quisermos

elucidar o que parecerá de outra forma explosões “irracionais” de violência subjetiva” (ŽIŽEK, 2014, p. 18).

Assim, para Žižek (2014), não existe apenas a violência palpável, mas também a que acontece de forma indireta. Portanto, “a violências subjetiva e objetiva não podem ser percebidas do mesmo ponto de vista” (ŽIŽEK, 2014, p. 17) já que ocorrem de formas distintas.

Podendo se apresentar de inúmeras formas e atingir indivíduos de todos os sexos e classes sociais, a violência “é um elemento constitutivo da sociedade e, de acordo com as normas sociais, as práticas coercitivas ou, claramente, agressivas poderiam ser consideradas violentas ou não” (SALLES, 2018, p. 17). Logo, pela abrangência do termo e ligação com o contexto social e época, sua definição pode sofrer mudanças. Para Teles e Melo (2012):

Violência, em seu significado mais frequente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. (TELES; MELO, 2012, p. 13).

Nessa perspectiva, significa interferir na autonomia do outro, impor o poder e seus interesses, subjugar. É “uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, reprimindo e ofendendo físico ou moralmente” (TELES; MELO, 2012, p.13). Assim, mesmo que seja necessário levar em conta diversos fatores sociais e culturais, o ato de coagir, usar a força contra outra pessoa para atingir os seus propósitos se trata de violência. De acordo com Teles e Melo (2012) a violência de gênero “tem sido o primeiro tipo de violência em que o ser humano é colocado em contato de maneira direta. A partir daí, as pessoas aprendem outras práticas violentas” (TELES; MELO, 2012, p. 23). Além disso, é importante ressaltar que essa alcunha “vem ganhando espaço mais recentemente devido aos estudos desenvolvidos, sobretudo na área acadêmica” (TELES; MELO, 2012, p. 17).

A violência de gênero pode ser entendida como “violência contra a mulher”, expressão trazida à tona pelo movimento feminista nos anos 1970, por ser esta o alvo principal da violência de gênero. Enfim, são usadas várias expressões e todas elas podem ser sinônimos de violência contra a mulher. (TELES; MELO, 2012, p. 17).

Nesse ponto de vista, falar em violência de gênero é o mesmo que falar em violência contra a mulher, e isso ocorre em virtude de as mulheres serem as principais e recorrentes vítimas. Todavia, Saffioti (2001) afirma que “violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos” (SAFFIOTI, 2001, p. 115). E “se tratando de violência de gênero, e mais especificamente intrafamiliar e doméstica, são muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos” (SAFFIOTI, 2011, p. 75). Desse modo, muitas mulheres não conseguem sair dessa relação de subordinação que está posta socialmente, devido aos laços familiares, por acreditarem fazer parte do seu fadário. Para Teles e Melo:

O conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Ou seja, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos às mulheres. (TELES; MELO, 2012, p. 16).

O drama violência contra as mulheres “faz parte do cotidiano das cidades do país e do mundo. É pouco comovente porque é demais banalizado, tratado como algo que faz parte da vida; tão natural que não se pode imaginar a vida sem sua existência” (TELES; MELO, 2012, p. 9). Entretanto, nem sempre as mulheres aceitam ser subjugadas e violentadas. Segundo Saffioti (2011) as mulheres reagem de alguma forma a essas situações de violência, não se sujeitando as violências do seu marido.

Saffioti (2011) aponta que as violências praticadas contra a mulher não acontecem de forma isolada, “é comum que a violência de gênero se manifeste por meio de agressões físicas, sexuais, psicológicas e patrimoniais, e, aliás, essas manifestações podem ocorrer simultaneamente” (TELES; MELO, 2012, p. 23). Desse modo, apreendemos que o agressor pode e, muitas vezes, utiliza de diversos tipos de violências para atingir seus objetivos que é ter autoridade sobre a mulher.

Teles e Melo (2012) em seu livro *O que é violência contra a mulher* mencionam diversas práticas de violência que se encaixam no conceito de violência de gênero, dentre elas: violência doméstica, que pode ocorrer entre quaisquer membros da família ,

independente do sexo ou idade; violência conjugal, que pode ocorrer em qualquer ambiente, com casais ou ex casais, ou seja, pessoas que se envolveram afetivamente; violência interpessoal, que ocorre entre pessoas que se conhecem; violência sexista, que consiste em violência motivada por discriminação sexual.

Ademais, é necessário enfatizar que “não são as diferenças biológicas entre homens e mulheres que determinam o emprego de violência. São os papéis sociais impostos a mulheres e homens, reforçados por culturas patriarcais que estabelecem relações de dominação e violência entre os sexos” (TELES; MELO, 2012, p. 113). Ou seja, as sociedades definem as atuações para cada sexo e, assim, os homens ficam com a posição de domínio, responsáveis por comandar e caso a mulher se oponha a essa dinâmica podem se tornar vítimas de violência.

2.3 A CONDIÇÃO DA MULHER NA IDADE MÉDIA

A Idade Média foi, em grande parte, um período desditoso para o sexo feminino, cabia a elas um secundário, tinham pouca autonomia, seus interesses não eram levados em consideração e viviam sob o domínio do sexo masculino, Macedo afirma que:

Na civilização Romana, por exemplo, prevaleceu a ideia de uma suposta “inferioridade natural”, das mulheres. Elas foram excluídas das funções públicas, políticas e administrativas. Suas relações limitavam-se à *domus* (casa), que era sempre governada por um homem – o pai, o marido ou o sogro. As romanas tinham sua autonomia pessoal limitada pelos interesses familiares. (MACEDO, 2002, p.13).

Nesse cenário, as mulheres não participavam ativamente da vida pública, tinham como principais funções cuidar da casa, dos filhos e da família. Consideradas inferiores, viviam sob o domínio dos homens que ocupavam posições de comando e prestígio.

Em Bizâncio, entre os séculos IV e XV, “a liberdade da mulher também aí conheceu grandes limitações. Incapacidades jurídicas restringiam-na ao meio doméstico” (MACEDO, 2002, p.13). Dessa forma, constatamos que esse cerceamento dos passos da mulher foi algo comum e aconteceu em diversos povos, enquanto a figura masculina sempre contou com a vantagem de poder chefiar. Contudo, existiram exceções, Macedo (2002) expõe:

Entre os escravos, por exemplo, até pelo menos o século X as mulheres conheceram melhor situação. Ao que tudo indica, quando solteiras gozavam de certa independência em relação ao poder paterno. Ao menos nas famílias poderosas, as moças tinham liberdade na escolha do parceiro ou esposo. Casadas, dividiam com o marido as responsabilidades da relação conjugal. Como os maridos, se estivessem insatisfeitas, podiam desfazer a aliança. (MACEDO, 2002, p. 14).

Tendo em vista que em outros povos a mulher não tinha sequer o direito escolher seu marido, é inegável a liberdade concedida a essas que podiam até mesmo desfazer as relações, porém a fala de Macedo evidencia que não eram todas as mulheres que se beneficiavam, era um direito reservado as famílias com poder aquisitivo.

Já na Europa Central, entre os celtas, “as mulheres gozaram de considerável independência. Do ponto de vista jurídico, havia equiparação entre os dois sexos, uma relação mais equilibrada e, em algumas casas, algumas vantagens para o sexo feminino” (MACEDO, 2002, p. 14). Desse modo, fica claro que essas mulheres tinham um pouco mais de autonomia e poder de tomar algumas decisões sobre seu futuro. Apesar disso, continuavam subordinadas aos homens.

Segundo Macedo (2002, p. 15) no que diz respeito “aos povos germânicos, que viriam a dar origem aos reinos bárbaros da Alta Idade Média, pouco se sabe hoje a respeito de sua constituição social original e da situação das mulheres em particular”. No entanto, Macedo (2002) relata que:

A melhor referência documental é a *Germania*, obra célebre do historiador Tácito, conhecido historiador romano do final do século I d.C. Ao escrever sobre os povos “bárbaros” do norte da Europa, Tácito pretendia oferecer a seus leitores um modelo de vida social pura e virtuosa que contrastasse com a corrupção moral vigente na Roma de então e por ele desaprovada. Isto se pode perceber inclusive na descrição que fez das germanas, elogiadas por sua austeridade e força moral, por sua vitalidade até mesmo nas guerras, por seu companheirismo e por sua submissão aos homens. (MACEDO, 2002, p. 15).

Mesmo não havendo muitas informações sobre as germanas, o que se encontra sobre elas é reforçando o modelo ideal que se esperava das mulheres, submissas aos homens e com valores e características de uma sociedade impregnada pelo patriarcado.

Embora alguns povos dispensassem uma certa liberdade para as mulheres, elas ainda viviam à sombra dos homens e usufruindo apenas do que lhes era concedido por eles. Assim, os lugares ocupados pela mulher, “essa posição de inferioridade e subordinação parecia fazer parte da “ordem natural” das coisas” (TEDESCHI, 2012, p. 17). Macedo (2002) afirma que:

A definição dos papéis e dos lugares das duas “metades” encontra-se expressa nos próprios símbolos que as designavam: o homem, a espada; a mulher, a roca. Ao homem, um símbolo de força, virilidade e violência; a mulher, um símbolo do trabalho doméstico, consubstanciado na imagem de um instrumento para fiar tecidos. (MACEDO, 2002, p.10).

Nesse contexto, é importante ressaltar que os homens são estimulados a ocuparem posições de poder, já “as mulheres são “amputadas” sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício de poder” (SAFFIOTI, 2011, p. 35). Enquanto as mulheres “são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem” (SAFFIOTI, 2011, p. 35).

Essa forma de se comportar e agir era empregada em diversos meios e relações, inclusive no casamento, em que cabia ao homem comandar e usar a força, se necessário, para ser obedecido. De acordo com Macedo (2002, p. 21) “na relação conjugal, reproduziam-se as formas de poder das relações feudo- vassálicas”, isto é, as mulheres não eram tratadas como iguais, mas como subalternas do homem. Os casamentos eram arranjados, considerado assunto masculino eram tratados apenas entre os homens, Duby (2011) relata que:

Os homens falavam entre si, os pais ou então os homens em posição paterna, assim como o senhor do feudo a propósito da viúva ou das órfãs do vassalo defunto. Com frequência expressava-se também o próprio interessado, o juvenis, o cavaleiro em busca de se estabelecer, não dirigindo a palavra àquela que desejava atrair para seu leito, mas falando com a homens. (DUBY, 2011, p. 34).

Em vista disso, antes mesmo de se casar a mulher já era silenciada e não tinha poder de escolha, diferentemente dos homens que, além de ter liberdade de escolhas, ao tomar uma mulher “qualquer que seja sua idade, deve comportar-se como *sênior* [mais velho, senhor] e manter essa mulher sob rédeas, sob seu controle” (DUBY, 2011, p.33). No casamento “o marido devia ser indulgente para com o ser frágil, amando-o como a si mesmo. Em contrapartida, a esposa deveria reverenciá-lo, obedecê-lo” (MACEDO, 2002, p. 26).

O controle sobre a mulher era contínuo, “o “comércio conjugal” reprimia o desejo sexual das mulheres” (MACEDO, 2002, p. 27), uma vez que, “havia também desconfiança e temor. Os homens receavam o adultério, temiam que suas mulheres lhes oferecessem

filtros mágicos para provoca-lhes a impotência” (MACEDO, 2002, p.28). Deste modo, o sexo feminino representava uma ameaça constante que precisava de governo e vigilância, pois existia a ideia de que “a inferioridade das mulheres ligava-se a sua fraqueza entre os “perigos da carne” (MACEDO, 2002, p. 26). Porém, no que concerne ao “campo da sexualidade masculina, nos limites da sexualidade lícita, não se restringe absolutamente ao quadro conjugal” (DUBY, 2011, p.17). Diante do exposto, é incontestável as desigualdades de gêneros existentes, e todos os privilégios destinados ao gênero masculino.

Na Idade Média, “os homens, fossem pais ou maridos, reservavam-se o direito de castigar a mulher como uma criança, um doméstico, um escravo. Era um direito de justiça inquestionável, primordial, absoluto” (MACEDO, 2002, p. 28). Outrossim, “as legislações medievais não permitiam que o homem aceitasse viver com uma mulher que havia praticado o adultério. Ele era execrado” (TELES; MELO, 2012. p.32). Assim sendo, era assegurado aos homens usar da força para “corrigir” as mulheres e conservar o seu poder sobre elas e, em caso de infidelidade da mulher, era inaceitável que o homem a perdoasse, mas se o adultério fosse cometido pelo homem era socialmente aceito.

O silenciamento da mulher sempre esteve presente nas sociedades e, por vezes, foi considerado um atributo essencial, essa ideia atravessou os séculos. Segundo Teles e Melo (2012) a afirmação e comprovação da inferioridade feminina garante e resguarda a soberania masculina. Assim, “foram feitos muitos esforços, em todo os níveis, para erradicar quaisquer vestígios da capacidade física, emocional e intelectual do segmento feminino, mesmo que para isso tivessem de empregar o uso da violência e da farsa” (TELES; MELO, 2012, p. 30). Isso justifica o afincamento na criação de teorias e crenças para classificar a mulher como fraca e sem competências.

3 ANÁLISE DA OBRA

Em *o remorso de baltazar serapião* é apresentada a história dos Sargas, uma família pobre que trabalha e vive nas terras de Dom Afonso. O verdadeiro nome é Serapião, contudo, todos os chamam pelo nome da vaca que a família cria, a Sarga. Através do narrador-personagem, Baltazar, temos acesso a todos os acontecimentos que são expostos de forma crua e fria. A narrativa é marcada por relações de poder e violência contra a mulher. As personagens femininas têm trajetórias bem difíceis e sofrem diversos tipos de agressões causadas, principalmente, pelos homens da família Sarga.

No romance é possível identificar, ao longo de seus capítulos, um constante rebaixamento e aversão ao gênero feminino: “as mulheres são frutos podres, como maçãs podres, raios hão-de partir eternamente a eva por ter sido mal lavada nas intenções” (MÃE, 2018, p. 62). As descrições sobre as mulheres são carregadas de ódio, desrespeito e indiferença: “a voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo de mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos” (MÃE, 2018, p. 19).

Nesse contexto, as mulheres são vistas como incapazes, ardilosas e quase que sem inteligência e, por isso, suas opiniões não devem ser levadas em consideração pelos homens: “mulher é coisa de pouca sabedoria e nenhuma estabilidade, o que pensam hoje, amanhã não sabem. é perigoso que se ouça coisa que digam” (MÃE, 2018, p. 124).

Contudo, o Teolindo, uma das personagens masculinas, tinha uma visão um pouco diferente dos outros homens e não acreditava que as mulheres fossem totalmente burras, para ele “até podia ser certo que as ideias se baralhassem e não tivessem, as mais das vezes, razão de ser, mas achava que a natureza lhes dava correcções de acaso, assim como lampejos súbitos e sem grande origem que as colocava no caminho de algo precioso” (MÃE, 2018, p. 77). Dessa forma, mesmo reconhecendo a inteligência das mulheres, não imagina que raciocinem igual aos homens e ainda as considera seres inferiores.

Nesse cenário, as mulheres deveriam existir apenas para satisfazer as vontades dos homens, executar os serviços domésticos, gerar e criar os filhos: “uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada, explicava o meu pai, ajeitada nos atributos, procriadora, cuidadosa com as crianças e calada para não estragar os filhos com os seus erros” (MÃE, 2018, p.25). Assim, “o poder do discurso masculino, instituído da moral cristã, passa a reforçar as características do “ideal” feminino: mansa, tranquila, dócil, sincera, calada, abdicada, não dada às conversas ligeiras, etc. (TEDESCHI, 2012, p. 79). Baltazar, o pai e grande parte dos homens, na obra, acreditam que as mulheres devam ser totalmente submissas e sem voz.

Segundo Baltazar, por menstruarem, as mulheres estavam condenadas a inferioridade, pois “um corpo que as obrigava, sem falta, a uma maleita reiterada, como um inimigo habitando dentro delas, era pior que se podia esperar” (MÃE, 2018, p. 27). Isto é, a menstruação era vista como uma maldição, um castigo e, segundo o Sarga, “por isso eram instáveis, temperamentais, aflitas de coisas secretas e imaginárias, a prepararem vidas só delas sem sentido á logica” (MÃE, 2018, p. 27). Em vista disso, por serem consideradas pecadoras, tudo relativo a elas era julgado infesto.

Essa visão vai de encontro a teoria filosófica, na representação do feminino, que segundo Tedeschi (2012) por se tratar de um olhar masculino, a mulher foi reduzida a objeto. Eles “apresentam as mulheres como criaturas irracionais, sem pensar próprio, pouco criativas, sem espírito estético, dependentes do seu corpo, portanto, necessitavam devido a sua natureza, ser submissas e controladas pelos homens” (TEDESCHI, 2012, p. 45).

Isso acontece com as personagens femininas, na obra, que são desqualificadas repetidamente apenas por serem mulheres e, por vezes, são comparadas a animais como cadela, égua, porca, cabra, etc. Um dos momentos que constatamos isso é quando Baltazar fala sobre a Teresa diaba, sempre a comparando a animais: “a diferença entre ela e uma vaca ou uma cabra era pouca, até gemia de estranha forma, como lancinante e animalesca sinalização vocal do que sentia, destituída de humanidade, com trejeitos de bicho desconhecido ou improvável” (MÃE, 2018, p. 44).

Segundo Salles (2018) durante muitos séculos o silenciamento das mulheres serviu “para endossar uma relação assimétrica entre homens e mulheres, a voz, ameaça essa dinâmica. A tentativa de silenciar a figura feminina, ou ainda desqualificar sua voz, seria, de certa maneira, uma forma de conter seu poder” (SALLES, 2018, p. 13). No romance existe um temor as vozes das mulheres e há um grande empenho em silenciar e descredibilizar. Baltazar sempre associa a voz feminina ao perigo, algo que aprendeu com o pai: “a minha mãe deixava de falar comigo e com o aldegundes, porque lhe saíam coisas de mulher boca fora, e barafustar como fazia, era encher os ouvidos dos homens com ignorâncias perigosas” (MÃE, 2018, p. 25). E quando o Sarga é questionado por Gertrudes (a bruxa) o motivo de temer a voz das mulheres ele responde: “por ser verdade que se iludem e procuram a irrealidade como falta de inteligência, e mesmo afronta, perante aquilo que deus nos deu” (MÃE, 2018, p. 129). Destarte, ele relaciona a voz da mulher ao maligno, por isso teme, menospreza e se empenha em anular qualquer poder dela.

As mulheres nunca ocuparam posições de equidade com os homens (BEAUVOIR, 1970) e, em relação a obra analisada, por se tratar da Idade Média, cabia as mulheres obedecerem às ordens dos seus pais, maridos ou senhores, visto que, “no exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais” (SAFFIOTI, 2011, p. 115). Quanto ao casamento o pai decidia com quem a filha casaria e, após isso, ela se tornava posse do marido. “Ao serem tratadas como propriedade

dos homens, as mulheres perderam, em diferentes níveis, a autonomia, a liberdade e o mais básico direito de controle sobre o seu próprio corpo” (TELES; MELO, 2012, p. 28).

Esse domínio do marido é bem evidenciado na obra pelo narrador- protagonista quando se imagina casado: “eu recolhia os animais, a sonhar com a minha noiva. arranjado para a receber logo que pudesse, casado de igreja, autorizado para a ter só minha e a educar a maneira das minhas fantasias, como devia ser” (MÃE, 2018, p. 30). Também é possível notar esse desejo de controle e dominação no excerto abaixo:

eu teria espírito para proteger a minha mulher e lhe pôr freios, ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres era competido, e viveria nessa ilusão, enganada na cabeça para me garantir propriedade do corpo. invadirei sua alma, pensava eu, como coisa de outro mundo a possuí-la de ideias para que nunca se desvie de mim por vontade ou instinto, amando-me de completo sem hesitações nem repugnâncias. e assim me servira a vida toda, feliz e convencida da verdade. (MÃE, 2018, p. 32).

Essa concepção de casamento da família Sarga é muito problemática, eles enxergam o casamento como um direito a posse da mulher, e, realmente, era assim que acontecia, a esposa devia obedecer cegamente e fazer todas vontades do marido, caso contrário seriam punidas, corrigidas. Quer dizer que, “na relação conjugal, reproduziam-se as formas de poder das relações feudo-vassálicas” (MACEDO, 2002, p. 21).

Entretanto, entre os senhores, a dinâmica do casamento ocorria de forma diferente dos vassallos, se dava com mais liberdade para as mulheres, essas podiam exercer certo poder, geralmente com os criados. No caso de dona Catarina ela tem seus privilégios devido a sua condição social, mas, mesmo assim, ela está subjugada a um homem, seu marido. Quando suspeita das traições de Dom Afonso, ela não confronta o marido, mas questiona e lança toda sua fúria, com ameaças de violência as empregadas da casa:

ai, rapariga, se alguma coisa destapar palavra que não me tenhas dito, fuge de mim a tantos passos quantos te inventem as pernas, que te ponho tão avessa ao que és, nem fruta de cu te deixaria. anda, estúpida, não pares de me limpar os pés, se fosse para esbugalhares os olhos punha-te nas fossas a esbugalhar o olho do cu. (MÃE, 2018, p. 83).

Dessa forma, fica claro que existe uma resistência em questionar o marido pelos seus atos, isso pode se dar pela hierarquia que há no casamento, ela não pode acusar e nem agir de forma violenta com ele. Contudo, ela pode exercer seu poder com os serviçais, pressionando-as a falarem sobre as aventuras de seu marido e, mesmo sabendo que elas não podem se recusar aos desejos de seu senhor, ela as ameaça de forma cruel.

No romance é notória a relação de poder e supremacia do sexo masculino, as mulheres são exibidas apenas como seres secundários, sem relevância. Muito cedo as personagens femininas já tinham muitas obrigações, dentre elas, servir a casa dos patrões e aos desejos sexuais do seu senhor, pois segundo o narrador- personagem: “as mulheres quando se tornavam leiteiras podiam aceder a maior discernimento e os trabalhos a que se destinavam deviam ser aproveitados de imediato. aos homens, dizia-se, se pudesse ser dado maior ócio alguma coisa boa ainda podia vir, como artes várias, destrezas na pintura por exemplo” (MÃE, 2018, p. 26). Assim, fica claro as desigualdades de gênero, enquanto as mulheres eram exploradas desde bem jovens, os homens tinham o benefício do ócio para desenvolver habilidades.

O percurso de grande parte das mulheres é bem difícil, cercado de violências praticadas pelos homens, que as reduzem a objetos de seu uso: “é que lhe pertenciam também grandes consciências do que seriam as mulheres, feitas de carne à nossa medida, como carne feita às nossas necessidades, para serem espertas num ofício nosso” (MÃE, 2018, p. 35). Elas são mostradas quase que totalmente subordinadas, ameaçadas e agredidas.

Ademais, analisaremos nessa seção, de forma esmiuçada, as ocorrências de violências contra as personagens femininas. Para tanto, seccionamos análise em quatro subseções: 4.1 Violência Física; 4.2 Violência psicológica; 4.3 Violência moral; 4.4 Violência sexual.

3.1 VIOLÊNCIA FÍSICA

Acreditamos que a violência física pode ser considerada uma violência subjetiva, visto que, segundo Žižek (2014) ela é a visível, praticada por um sujeito. Segundo a Lei Maria da Penha, a violência física é “entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher” (BRASIL, 2011, p. 16). Desse modo, são formas de manifestações da violência física:

Tapas; empurrões; socos; mordidas; cortes; estrangulamento; queimaduras; lesões por armas ou objetos; obrigar a outra pessoa a ingerir medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias e alimentos; tirar de casa à força; amarrar; arrastar; arrancar a roupa; abandonar em lugares desconhecidos; causar danos à integridade física em virtude de negligência, como se omitir a cuidados e proteção contra agravos evitáveis em situações de perigo, doença, gravidez, alimentação e higiene. (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014, p. 20-21).

No romance analisado há muitas ocorrências de violência física praticadas, principalmente, por Baltazar e pelo pai, sendo as principais vítimas suas esposas. O primeiro episódio violento mencionado na obra foi cometido pelo pai dos Sargas: “era porque lhe entortara o pé meu pai, descabido com ela num tempo em que eu era muito novo, e assim a ensinou de modos para sempre, tomada de respeitos por ele para o resto da vida” (MÃE, 2018, p. 58). Desse modo, percebemos a naturalização da agressão, o pai entortou o pé da mãe como meio de ensinamento, como forma de reivindicar respeito.

A mãe, é uma personagem que sofre apagamento, não tem nome, reconhecida apenas por ser a mãe, por ser esposa e é uma das mulheres que mais sofre agressões no romance. Quando o curandeiro fala de uma possível gravidez da mãe, Afonso (o pai) passa a procurar o filho dentro dela: “e o meu pai, ele próprio, enfiou por ali dentro a mão e gritou, deixa ver se tens ovo. e fê-lo como às galinhas. E voltou a fazê-lo. e a minha mãe contorceu-se e calou-se” (MÃE, 2018, p. 61). São cenas bem violentas de tortura que se repetem por diversas vezes como afirma Baltazar: “o meu pai remexeu-lhe as entranhas por diversas vezes, jurava que punha lá os dedos e os abria longamente. estava convicto de que, se coisa ficara ali ou ali crescia, haveria de a enganchar numa unha e trazê-la cá para fora” (MÃE, 2018, p. 65). Ele acredita ser impossível que ela esteja grávida de um filho seu, dessa forma, seria fruto de uma traição.

Quando o curandeiro confirma a gravidez, o pai tomado pela fúria e por pressupor que foi traído, mata de forma brutal e com extrema violência a mãe e o feto:

e foi no dia em que o povo se preparava para queimar mulher que se portara mal que o meu pai rebentou braço dentro do ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara. e gritou, serás amaldiçoado para sempre. Depois estalou-o no chão e pôs-lhe pé nu em cima, sentindo-lhe carnes e sangues esguicharem de morte tão esmagada. (MÃE, 2018, p. 85).

Esse é o fim triste e assustador da mãe, que por ser julgada infiel, pelo marido, é torturada e assassinada de forma inumana e injusta. Os filhos assistem todo o desenrolar da cena sem interferir, nada fazem. Na época, Idade Média, era um direito indiscutível do marido castigar a mulher (MACEDO, 2002, p. 28), lavar a sua honra.

Logo que Baltazar se casa com Ermesinda ela é solicitada por Dom Afonso a encontrá-lo todos os dias. Segundo Macedo (2002) as mulheres em condição servil “podiam vir a ser obrigadas a prestar serviços na casa do senhor. Em geral, a esposa do

servo estava, como o marido, obrigada a permanecer na terra senhorial. Devia pagar certas obrigações, frequentemente na forma de prestação de serviços” (MACEDO, 2002, p. 33). Essa situação incomodou profundamente o Sarga, mas resignado aceita, pois não pode se opor as vontades de Dom Afonso. Com esses encontros diários Baltazar começa a suspeitar de traição e comete a primeira agressão contra a esposa, bem no início do casamento:

e se lhe dei o primeiro correctivo de mão na cara não foi porque não a amasse, e se disse-lho, existe amor entre nós, assim te aceitei por decisão de meu pai que quer o melhor para mim, mas deus quis que eu fosse este homem e tu a minha mulher, como tal está na minha mão completar tudo o que no teu feitio está incompleto, e deverás respeitar-me para que sejas respeitada. (MÃE, 2018, p. 58).

O Sarga considera Ermesinda sua posse, portanto ela precisa obedecer às suas ordens e é através da violência que ele busca essa submissão. Estando no domínio do homem as mulheres perdem totalmente sua autonomia, direitos e liberdade (TELES; MELO, 2012). A mãe de Baltazar havia pedido que ele não fosse bruto com a esposa e isso o causou irritação, ele não aceitava a possibilidade de intromissão de seus pais: “mas eu nunca lhe admitiria que me chamasse a atenção para os tratos tão cedo dados a ermesinda, era porque algo me escapava ao entendimento, e desgraçada da mulher que saísse do entendimento do marido” (MÃE, 2018, p. 58). Ou seja, na sua concepção, não cabe a ninguém questionar o poder do marido.

Os episódios de violência contra Ermesinda ficam cada vez mais recorrentes. Algumas vezes Baltazar analisa a possibilidade de matar D. Afonso, mas logo desiste. Tomado pelo ciúme questiona a mulher sobre a traição e ela não confirma: “mas nada da boca da ermesinda me confirmava, nem os olhos que lhe deitava às partes da natureza, abertas em bom sol, me diziam o que ali poderia ter entrado. e mesmo ao toque dos dedos nada parecia diferenciar os seus dias das nossas noites” (MÃE, 2018, p. 56). Mesmo examinando o corpo dela, não encontrando sinais e nem obtendo a confirmação sobre a prática de relações sexuais ele avança com as agressões, apesar de saber que ela não tem poder de escolha e precisa continuar com os encontros:

e surpresa com a minha aparição gaguejou algo que não ouvi, tão grande foi o ruído de minha mão na sua cara, e tão rápido lhe entornei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos. que te saiam os peidos pela boca se me voltas a encornar, definharás sempre mais a cada crime, até que sejas massa disforme e sem diferença das pedras ou das merdas acumuladas, e coisa que te partes. (MÃE, 2018, p. 63).

foi como lhe procurei pé que viesse à mão e lho torci, e gritei, que puta em minha casa era coisa de rastejar, e ao invés de lhe conseguir estragar novo pé, virei-lhe braço que agarrei e aproveitei de o escolher. se lhe arranquei uns cabelos, nada se notaria na manhã seguinte. Posta na vertical em tremelicos, era o braço direito que não lhe descia a metade para baixo. (MÃE, 2018, p. 76).

Nesse ponto fica claro a reprodução do modelo de casamento que ele se espelha, visto que, comete a mesma agressão que o pai cometeu contra a mãe entortando o pé da esposa. Logo, é “importante destacar que a prática da violência de gênero é transmitida de geração a geração tanto por homens como por mulheres” (TELES; MELO, 2012. p. 22). Assim, na condição de marido, Baltazar não suporta ser contrariado e age, igualmente o pai, com extrema crueldade dando tapas do rosto, entortando partes do seu corpo e arrancando os cabelos, etc. Essa é a forma que ele conhece para “educar” e ter controle sobre a mulher, como ele declara: “pois mulher minha apanha tanto quanto deve, até que se ensine de tudo o que lhe digo” (MÃE, 2018, p. 124).

Por outro lado, Baltazar fala em tom de lamento sobre a atual condição de Ermesinda, como se não fosse ele o autor das violências: “que pena se estropiasse tão nova e depressa como foi chegada à vida de casamento. como eu preferia que se mantivesse perfeita, para num todo me atrair de fantasias” (MÃE, 2018, p. 63). Esse lamento nada tem a ver com a saúde ou bem estar da esposa, ele está apenas lastimando o quanto a nova aparência (deformada) pode interferir em suas fantasias. No entanto, isso não o impede de executar uma nova agressão física:

entrei em casa e, noite coberta, escuro e silencioso o momento, entrei dedo dentro de ermesinda olho arrancado. Como te disse, ermesinda, prometido de coração é devido. Ficarás a ver por sorte ainda, ficarás a ver melhor do que te devia deixar, mas deixo-te o outro para vez me pareça. Ou por piedade, deixo-to por piedade, e a este deito-o à terra e cubro-o para ser comido. (MÃE, 2018, p. 122).

Essa é uma das cenas mais cruéis e violentas da obra, possuído por uma raiva desmedida, covardemente Baltazar arranca o olho de Ermesinda com o próprio dedo. Ele narra os fatos com frieza e de forma natural, não satisfeito ele ainda coloca terra onde antes estava o globo ocular: “fiz eu coisa que me ocorreu, trocar olho por terra, buraco onde o deitei trouxe um punhado para dentro e lhe enchi cara com ela, que lhe absorvesse sangue e porcaria saindo, e se secasse tanto quanto pudesse a abertura tão grande” (MÃE, 2018, p. 122). Após ato estarrecedor, ele não demonstra nenhuma culpa, pelo contrário, parece

satisfeito, pois acredita que isso irá impedir a ida de Ermesinda até a casa de D. Afonso, enquanto ele segue viagem para as terras do rei.

Embora esteja debilitada e sendo agredida sem cessar, Ermesinda não para de ir ao encontro do seu senhor. Essa situação gera revolta em Baltazar ao voltar da viagem e perceber que ela continua indo até a casa, e reflete: “pobre ermesinda, pensei cínico e furioso, talvez fosse a última vez que visitasse seu amante, arrancada de um olho, parecia-lhe tudo definitivamente descomposto e feio e mais torta ficaria na volta, como esfregava já eu as mãos” (MÃE, 2018, p. 162). Desse modo, percebemos que ele já estava planejando a próxima agressão e sem ter alternativa Ermesinda parte ao seu destino diário, mas antes tenta sensibilizar o marido:

olhou-me e pediu perdão, nada sabia como me fazer crer na sua pureza, e não podia desfeitar dom afonso com paragem de ir vê-lo. eu queria ter-me por burro, a pensa-la em conversas castas, quando na verdade se teria com ele em cansaços proibidos, como feitos um para o outro. (MÃE, 2018, p. 162).

Podemos notar que o Sarga tem plena consciência de que Ermesinda não pode se opor aos desejos de D. Afonso. Porém, ele atribui a ela toda responsabilidade e se coloca como vítima. No “contexto de dupla servidão a que ela está inserida, que não se trata de uma escolha. Atribuir a responsabilidade e culpa de seu sofrimento à Ermesinda, portanto, torna a tarefa de confiar no seu relato ainda mais difícil” (SALLES, 2018, p. 100). Quer dizer, mesmo ela afirmando que a relação entre os dois é de pai e filha, Baltazar não acredita e, mesmo sem confirmação da infidelidade, ele pratica um novo espancamento: “dei-lhe de mão fechada tanta pancada na cabeça que lhe saltaram pedaços, até tombar chão batido como pedra a escorrer sangue, desfeita em desonra e mais nada” (MÃE, 2018, p. 199).

Esse consiste no último episódio de violência física praticado contra Ermesinda, que acontece pouco tempo antes de Baltazar ir embora, com Dagoberto e Aldegundes, a deixando sem voz e a beira da morte devido a gravidade dos golpes. O Sarga se mostra, mais uma vez, um homem implacável capaz de diversas atrocidades para impor seu poder de marido. Posto isso, Teles e Melo apontam que:

A violência de gênero ou contra a mulher está de tal forma arraigada na cultura humana que se dá de forma cíclica, como um processo regular com fases bem definidas: tensão relacional, violência aberta, arrependimento e lua de mel. Os espaços de convívio sem violência vão

se tornando cada vez mais restritos, insuportáveis, o que pode levar a um desfecho trágico e fatal. (TELES; MELO, 2012. p. 23).

Desse modo, podemos considerar que as agressões praticadas pelo homem, na relação conjugal, não têm fim e só aumentam com o passar do tempo. As violências praticadas por Baltazar não seguiram esse padrão cíclico descrito por Teles e Melo, pois havia o período de tensão em que ele fazia graves ameaças, o momento de violência física e em seguida as declarações de amor à Ermesinda, portanto ele não demonstrou de forma clara nenhum arrependimento pelos atos violentos que cometeu.

Outra vítima de violência física foi Gertrudes que por ser considerada bruxa é queimada viva, segundo o Sarga: “era mulher de maldades conhecidas e provadas, mas ainda assim só à revelia do padre a levariam à praça para lhe pôr fogo nas ventas, a ver se lhe coincidiam as chamas com o seu lugar no inferno” (MÃE, 2018, p. 84). E, assim:

juntos os homens da terra haveriam de levar à praça, em alarido e confusão, mulher que se portara mal de tanto tempo que nada a salvaria por comando da dignidade de deus. era mulher velha e matreira, enfiada em casa, sozinha de maridos, postos em terra cedo de mais, consumidos por pó que lhes cozinhava para os abater. (MÃE, 2018, p. 84).

Gertrudes foi perseguida por seus saberes serem considerados bruxaria e queimada, mas sobreviveu. Segundo Freire, Sobrinho e Conceição (2006) o medo do homem em relação a mulher era pelo seu conhecimento acerca da cura, dos segredos do parto, além dos venenos e poções. Sendo assim, “os homens medievais procuravam lutar contra esse saber-poder, estavam embutidos de crenças e mitos temiam a sabedoria feminina, porque desejavam garantir sua soberania” (FREIRE; SOBRINHO; CONCEIÇÃO, 2006, p. 55). Desse modo, tendo em vista o que afirmam os autores, fica claro que os homens tinham plena consciência do poder das mulheres e, temendo perder o domínio sobre elas, as acusavam e condenavam de forma perversa.

Em suma, “a violência física entre parceiros é um fenômeno que acomete muitas pessoas e, em função da gravidade dos seus atos, pode levar a severas consequências” (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014, p. 22). Ou seja, a violência é algo recorrente nas relações conjugais e, com o tempo, pode haver aumento das agressões e ser fatal. Ademais, vale salientar que no decurso das agressões as vítimas não esboçaram reação, não se defenderam, se mantiveram submissas e isso pode ser justificado pelo temor de que os atos violentos aumentassem e por medo de serem assassinadas.

3.2 VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

A Violência psicológica praticada contra a mulher “é considerada qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões” (BRASIL, 2011, p.16). Ela pode se apresentar por meio de:

Ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insultos, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, 2011, p.16).

Essa “não é momentânea, mas se delinea na maneira que um cônjuge se relaciona com o outro, considerando este como seu objeto privativo. Dessa forma, alguns homens controlam e submetem emocionalmente as esposas” (MADEIRA; COSTA, 2012, p. 90). Por se tratar de uma violência que não é possível visualizar, podemos considerá-la objetiva, que Žižek (2014) chama de invisível, “mas que se exprime em atos racistas, atitudes machistas e homofóbicas e tantas outras formas de expressão que, muitas vezes, são naturalizadas e passam despercebidas” (FERREIRA, 2014, p. 539). Na obra analisada esse tipo de violência acontece de modo recorrente e os Sargas são os principais perpetradores, sobretudo Baltazar em sua relação conjugal.

Antes mesmo de se casar com Ermesinda o Sarga já demonstrava indícios de ser um homem controlador que, por vezes, escapou do trabalho para vigiá-la: “quantas vezes eu ia a ver de propósito a descer rua abaixo sem olhar para os lados, já os homens coçados dela a ganirem alfabetos porcos para a encostarem de sexo às paredes e ao chão” (MÃE, 2018, p. 30-31). Além disso, suas falas demonstram que tinha a intenção de restringir a vida dela, viveria apenas para ele: “ermesinda, a bela rapariga esconder os olhos, e como dedicaria meus dias a enchê-los da minha imagem, para que viesse a sua condição de mulher apenas da minha condição de homem” (MÃE, 2018, p. 33).

Depois do casamento realizado, e com a suspeita de que Ermesinda e seu Senhor estavam se relacionando sexualmente, Baltazar começa uma vigilância constante para confirmar suas suposições: “era diariamente, como diariamente ali a mandou, e tudo o que eu fazia para alcançar em conversa não era suficiente” (MÃE, 2018, p. 57). Ainda, solicita que Brunilde, Teolindo e Aldegundes vigiem sua esposa para descobrir o que acontecia

entre os dois trancados na sala, mas nada descobriram. Uma vez que, Dom Afonso “saía por seu pé igual como entrara e, sem análise maior, nada parecia acusá-lo de comer a rapariga” (MÃE, 2018, p. 57). E não satisfeito, ameaça trair a esposa: “como disse à minha ermesinda, ainda volto a pôr-me na teresa diaba só para sentir que conheço o bicho que tenho nas mãos” (MÃE, 2018, p. 58). Enxergamos nesses atos um comportamento invasivo, e até obsessivo. Nesse contexto, segundo Teles e Melo (2012) o homem utiliza a violência como forma de controle, para regular os passos da mulher e determinar todas suas ações e desejos.

Sentindo que estava perdendo o controle sobre a mulher e tomado pelo ciúme, o Sarga passa a seguir a esposa na tentativa de descobrir alguma prova da suposta traição: “eu rondava-a aos pertos, caminhos seguidos muito próximo sem que me visse” (MÃE, 2018, p. 74). E irritado por não obter indícios ele passa a tencionar outros tipos de agressão: “eu rondava-a e imaginava-lhe o pé torto a entortar o outro por simpatia, a fazê-la como pata de andar aberto para nadar nas águas de um lago. havia de lho entortar e arrancar se lhe descobrisse uma prova.” (MÃE, 2018, p. 74-75).

De acordo com Silva, Coelho e Caponi (2007) a pior parte da violência psicológica, para as mulheres, não é ela em si, mas a tortura mental, o medo constante, o terror diário e, como percebemos, Baltazar visa intimidar Ermesinda a cercando de vigilância. Essa observação de seus passos é uma característica marcante da violência que a coloca em constante alerta.

A ameaça “é a forma mais comum de intimidação e de manutenção do controle sobre as mulheres e, ao mesmo tempo, um meio de assegurar os poderes masculinos” (TELES; MELO, 2012. p. 47). Esse é um dos meios usados por Baltazar para garantir a subordinação da sua esposa, quando inconformado por ter sua autoridade afetada passa a ameaçar constantemente Ermesinda:

que compromisso nojento seria, ultrapassado da vontade do marido, sobreposto ao marido, coroa de osso. Minha puta, se te apanho um só sinal que me garanta que o avias, abro-te meio a meio, e enterro-te meio a meio tão longe de parte a parte que te seguirás incompleta para o inferno para eternamente agoniares de desencontro. (MÃE, 2018, p. 109).

há no teu destino um favorecimento contínuo, ficarás liberta para o teu encontro como se normalmente coisa assim mulher de homem fizesse, mas não tão livre terás, que olho meu saberá de ti a cada momento e te apanhará no deslize que tiveres, e ai se tiveres, ai se te apanhar concreto numa traição a honrado casamento, não queiras saber de corpo que te

sobre, nada te reconhecerás entre carnes tão reviradas. (MÃE, 2018, p. 110).

Esse ato de ameaçar corresponde a uma “forma de violência psicológica que produz, muitas vezes, um efeito mais perverso, pois pode destruir a vontade, o desejo e a autonomia da outra pessoa” (TELES; MELO, 2012, p. 48). Notoriamente esse é o objetivo de Baltazar, pois é implacável em suas ações quando persegue, humilha, ameaça espancar, mesmo sem comprovação de que está sendo traído e tendo ciência de que sua esposa não pode deixar de fazer o que foi exigido pelo seu senhor. Além disso, sendo ele o marido, acredita ter autoridade sobre Ermesinda e procura deixar bem claro: “nada do que te disser deve ser posto em causa, a menos que enlouqueças e me autorizes a pôr-te fim” (MÃE, 2018, p. 58). Ou seja, a fala dele é soberana e ela não deve questionar, só obedecer.

Para Minayo (2020) “a categoria abuso psicológico nomeia agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir-lhe a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social” (MINAYO, 2020, p. 39). Em vista disso, as ações abusivas de Baltazar acontecem ininterruptamente e, a cada retorno da casa de D. Afonso, Ermesinda é recebida com ameaças cada vez mais chocantes: “arranco-te olho e ponho-o na terra a partir para o pó muito antes do resto de ti, a ver como passas a ver menos homens que não te competem” (MÃE, 2018, p. 116). Desse modo, percebemos que a fala do Sarga é carregada de crueldade e desconfiança, ele trata a esposa com hostilidade buscando mantê-la coagida.

Antes de partir para levar Aldegundes ao palácio do el-rei, Baltazar havia demonstrado esperança em recomeçar com sua esposa: “seremos felizes, ermesinda, trarei do reino bençãos e experiência que nos orgulhará, serás contente por mim” (MÃE, 2018, p. 123). Entretanto, ao retornar destinado ao sofrimento, por causa do feitiço lançado por Gertrudes, ele se mostra ainda mais cruel com a esposa:

mas avisei novamente atenta nas coisas todas agora em dobro, morte de inferno tão perto de mim, cada qual que esteja comigo poderá tombar de pouca dura agonia. atenta bem nos teus actos, fúria que me dê novamente, nem endireita nem curandeiro te vêm destorcer ou tapar buraco. nem manjerona suficiente haveria em todas as terras para untar tanta ferida aberta que te fizesse. ouves, ermesinda, ouves o que te digo, pecadora. Acenou que sim e foi. (MÃE, 2018, p. 162).

Considerando que não tem mais nada a perder com seu destino infausto, Baltazar prossegue com a tortura psicológica, intimidando e narrando as atrocidades que cometerá

com Ermesinda, caso ela continue o desconsiderando suas ordens. Dessa forma, notamos que a violência psicológica mais praticada pelo Sarga é a ameaça, em cólera, por não conseguir se fazer ser obedecido.

Silva, Coelho e Caponi (2007) falam sobre a violência psicológica e explicam que ela pode ocorrer através de olhares, gestos e palavras direcionados a vítima. Além disso, asseveram para o fato de que esse tipo de violência pode causar danos à saúde física e emocional. Ainda, afirmam que se praticada no interior da família pode evoluir ou ser reproduzida:

É importante destacar que a violência psicológica não afeta somente a vítima de forma direta. Ela atinge a todos que presenciam ou convivem com a situação de violência. Por exemplo, os filhos que testemunham a violência psicológica entre os pais podem passar a reproduzi-la por identificação. (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007, p. 98).

É isso que presenciamos no desenrolar da história, Baltazar se identifica e reproduz os comportamentos de seu pai, a mesma forma violenta que Afonso tratava a esposa é a que ele trata Ermesinda. O pai, Afonso, se mostrava um homem impiedoso com a esposa e não tolerava ser desobedecido, até mesmo para dormir a esposa precisava pedir permissão: “o meu pai sossegava e recolhia-se à cama, onde a minha mãe já se recolhera, a pedido de autorização, aliviada do peso do corpo em cima do pé torto” (MÃE, 2018, p. 22). Cabia a ele controlar a rotina da esposa e corrigi-la se achasse necessário: “também se regozijava por se achar seguro na rotina que dava a minha mãe, apertada na mão dele a cada deslize, reposta no respeito, e no juízo que, como mulher, podia compreender” (MÃE, 2018, p. 26). Desse modo, os comportamentos controladores muitas vezes evidenciam o sentido de subordinação feminina, em que as decisões da mulher são ignoradas” (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014, p. 26). É assim que ocorre essa dinâmica entre marido e mulher na família dos Sargas, os homens têm a palavra final e decretam o que as esposas devem fazer independentemente de suas vontades, já que são vistas como propriedade deles.

3.3 VIOLÊNCIA MORAL

De acordo com a Lei Maria da Penha nº11.340 de 7 de agosto de 2006, a violência moral diz respeito a “qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (BRASIL, 2011, p. 17). Assim, atos como acusar falsamente, rebaixar, expor, humilhar e

xingar correspondem a violência moral. Ao longo do romance ela está muito presente praticada, principalmente, contra as personagens femininas, temos os exemplos de Teresa que sempre é chamada de “diaba” e Gertrudes de “bruxa”.

Constantemente as mulheres são rebaixadas, insultadas e comparadas a animais na obra, os homens afirmam e acreditam que elas são inferiores e representam perigo, segundo Baltazar: “as mulheres eram muito perigosas, alimentavam os homens e podiam fazê-lo comer pó que os matasse” (MÃE, 2018, p. 26). Na Idade Média, “a inferioridade das mulheres ligava-se a sua fraqueza ante os “perigos da carne” (MACEDO, 1990, p. 25). Isso acontecia com todas que, apenas por serem mulheres, eram tidas como amaldiçoadas: “mas não por deus, que despreza as mulheres e as manchou de pecado, mas pelo diabo, à espreita no corpo delas a tentar agarrar-nos a alma a partir da ponta do badalo, dizia-lhe” (MÃE, 2018, p. 68). Os ataques a moral têm como principal executor Baltazar que se mostra misógino em diversas situações ofendendo e humilhando as mulheres, todas do seu convívio. Nesse contexto, “o agressor conhece bem os hábitos, os sentimentos e maneiras de agir e reagir de sua vítima, o que a torna mais vulnerável aos seus ataques” (TELES; MELO, 2012, p. 23).

Nem mesmo sua mãe é poupada das injúrias, pelo contrário a tinha como a pior das mulheres: “minha mãe, mulher pior do que as outras, incapaz de estabilizar por completo as suas falhas, tão naturais” (MÃE, 2018, p. 33). Já o pai era uma referência positiva para ele, um modelo a ser seguido e considerava que tudo que aconteceu de ruim com ele foi culpa das mulheres: “nosso pobre pai, tão sensato e ajuizado, depois de tantas aflições e mudanças, não se reconhecia a um palmo de distância. ajeitou-se ali nas tábuas partidas e não via mais nada. nem esperava, sabia eu, o nosso inteligente pai, sem a nossa mãe e sem a sarga, fora enganado para sempre pela voz das mulheres, e nem queria mais nada” (MÃE, 2018, p. 162).

Baltazar sempre fala das mulheres com desdém, sempre rebaixando o sexo feminino, a Teresa diaba também foi uma vítima constante de seus insultos, como por exemplo, no dia em que ele cai em cima dela enquanto tentava descobrir o que Ermesinda e Dom Afonso faziam na sala: “estavas aí, perguntei, estúpida, mesmo sujeita a apanhar com um pássaro em cima, assim como eu tinha vindo a voar” (MÃE, 2018, p. 61).

E após ser descoberto por seu senhor devido o barulho da queda ele descarrega toda sua fúria em Teresa: “e eu esclarecia a diaba, olha, minha porca, és tão porca de tudo que nem te bato nem te mato, ficas aí despedaçada para vergonha do teu pecado, hás de morrer

de bichos que te comam viva para pagares o nojo que mete a deus” (MÃE, 2018, p. 61). Ele fala de modo cruel, sempre a rebaixando, até mesmo durante as relações sexuais:

eu dizia-lhe que parasse de bater os cascos no chão, que fizesse pouco barulho ou viriam descobrir-nos ali nas pedras, enganchados um no outro. dizia-me que cascos tinha eu, o dos sargas, que afinal era o que diziam todos, que éramos gado como a vaca com quem familiarizávamos. e eu retorquia, ao menos os meus cascos são deste reino, os teus são do inferno, onde tomarás a alma para pagares a cabeça que tens. (MÃE, 2018, p. 37).

Baltazar a humilha, trata Teresa como um objeto que serve apenas para ele satisfazer seus desejos sexuais, como dito por ele: “não queria nada mais senão esses ocasionais momentos, estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar mulher” (MÃE, 2018, p. 36). Contudo, notamos que Teresa não ouve os insultos calada, não aceita ser ofendida e revida. Essa posição da personagem vai de encontro com o que diz Saffioti (2011) que diante das situações de violência as mulheres de alguma forma sempre reagem.

Com a realização do casamento e, devido aos encontros diários de Ermesinda e Dom Afonso, Baltazar passa a pressupor e afirmar que a esposa está sendo infiel: “puta, calada de segredos fundos, satisfeita com ser refeição de velho tão feio” (MÃE, 2018, p. 74-75). E mesmo Ermesinda garantindo não haver nada entre ela e Dom Afonso:

ela dizia que entrava para a sala de grande nobreza para uma conversa rápida, apropriada das tarefas logo de início, e depois lhe desejava bom trabalho em simples continuação de instruções já dadas. mais nada. era como perder tempo, parecia, não acontecia mais nada. (MÃE, 2018, p. 57).

e ela a encolher os ombros e a jurar, não fazemos mais que conversar. dom afonso sente amizade e interesse por coisas que digo, porque vejo belezas nas coisas que lho digo como melodias, assim se entretém e fascina. coisas como, perguntei. assim como palavras belas tiradas à mudez das coisas que vejo ou acontecem, palavras preparadas na sensibilidade do coração. como palavras dos sonhos mais bonitos. (MÃE, 2018, p. 109).

Baltazar não acredita nas palavras e juramento de Ermesinda, o tempo todo a cerca com acusações de traição. Segundo Mynaio (2020) existem crenças que reforçam que o homem é o chefe, o dono, que sabe o que é melhor para todos e que a mulher é sua posse, essas alicerçam a violência dentro dos lares. Assim, por deter o conhecimento, ele acha

impossível que um homem se interesse em conversar com mulheres, já que as considera sem inteligência, para ele o único atrativo possível em uma mulher é o físico, o desejo de companhia é apenas por interesse sexual. Logo ele começa o rebaixamento da esposa chamando-a de ignorante e louca:

se se gasta em conversas de mulher, que homem menos natural será ele. que me estás a dizer, mulher, que dom afonso se entretém com fragilidades e ilusões femininas. que se basta do que uma ignorante como tu lhe leva boca a boca. Estarás louca de acreditar que tal pretexto me convencesse. (MÃE, 2018, p. 109).

Entretanto, quando Dom afonso fala que tem Ermesinda como filha e relata o seu sonho: “e ele precipitou-se sobre mim e ordenou, pois que no sonho que tivera a minha ermesinda estava como filha dele, e lembrou-se, de dona catarina desses filhos teriam as meninas a cara de ermesinda, tão igual ao que se via nos retratos de dona catarina quando nova” (MÃE, 2018, p. 73). Baltazar não questiona e nem faz acusações, ele teme a reação de Dom Afonso: “e se minha boca se abrisse a indignação e protestos estaria na rua de tudo, eu e mãe estropiada, pai e irmão infantil, mais mulher tão bela, que sem emprego ninguém dos cinco, íamos para morrermos em poucos dias” (MÃE, 2018, p. 73). E diferente da reação que tem com a mulher ele se desculpa por questionar a integridade do seu senhor: “cagado de muito medo, pedi por meu pai, dom afonso, suplico por meu pai que o perdoe meus receios, homem honrado como é não o merece.” (MÃE, 2018, p. 73). Ou seja, com o patrão ele não têm como exercer poder, então ele acata suas palavras, já que está subordinado.

O Sarga também a acusa de estar apaixonada por Dom Afonso: “estás apaixonada por ele, ermesinda. não Baltazar, só te amo a ti, disse rápida, sem espera. e porque sofres tanto, perguntei. porque me deixou de conversas dom afonso, para que mantinhas o corpo. mais que me estragues nem viver poderei, e assim tão medonha me tenho que nem reconheço minha antiga vantagem” (MÃE, 2018, p. 168). Dessa forma, observamos que sempre a fala de Ermesinda é frequentemente desacreditada, Baltazar a ofende, agride e ainda duvida de seus sentimentos por ele.

Em síntese, é possível perceber que Ermesinda vai sendo silenciada pelas agressões, por ser descredibilizada. No início das acusações, ela negava e explicava que ela e D. Afonso apenas conversavam, mas vendo que as agressões e acusações não cessavam ela parou de falar: “e perdera a língua de dizer coisas. gemia à noite segundo o prazer, bocejava ao acordar segundo o sono, e nada mais era som de sua boca, arredada das

palavras por medo grande de morrer” (MÃE, 2018, p. 65). Com os ataques violentos recorrentes, “cria-se, assim, um clima de constante insegurança, desorientação, medo e incapacidade de tomar iniciativas para sair da situação, gerando paralisação e mais submissão” (TELES; MELO, 2012. p. 47). Assim, devido ao medo de um aumento da violência a vítima suporta tudo sem esboçar reação, não se defende, não enfrenta seu algoz.

Por fim, constatamos que é comum a prática de violências no âmbito da família, em que as “disputas de poder e afeto fazem-se presentes sob a forma de sentimentos ambíguos de amor/ódio, aliança/competição, proteção/domínio entre seus membros” (SCHENKER; CAVALCANTE, 2020, p. 58). Essa situação fica bem explícita na relação do Sarga com Ermesinda, pois identificamos episódios em que Baltazar age de forma contraditória, em determinado momento a insulta e em outro fala de seu amor por ela, como por exemplo: “a minha pobre mulher mal educada e não preparada para o casamento. o anjo mais belo que eu já vira, por sorte tão incrível, minha esposa, amor meu” (MÃE, 2018, p. 76). É possível ver que há uma ambiguidade em relação ao que ele sente, bem como percebemos que durante todo o romance há esse jogo de poder, ou melhor, imposição do poder.

3.4 VIOLÊNCIA SEXUAL

Na prática de violência contra a mulher “a intenção masculina é possuí-la, tê-la como sua propriedade, determinar o que ela deve desejar, pensar e vestir. Ele quer tê-la sob seu controle e ela deve desejar somente a ele próprio” (TELES; MELO, 2012. p. 23). Outrossim, “entre as manifestações de violência de gênero, a violência sexual expressa-se como uma das mais graves” (SQUINCA; DINIZ; BRAGA, 2006, p. 127). Desse modo, igualmente aos outros tipos de violências, a sexual também se apresenta em diversos capítulos da narrativa e com o mesmo objetivo, exercer poder sobre a vítima.

Segundo a Lei Maria da Penha, violência sexual é:

Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. (BRASIL, 2011, p. 16).

Consoante, Teles e Melo (2012) afirmam que “é o termo empregado, sobretudo, para os casos de estupro cometidos dentro e fora de casa. São atos de força em que a pessoa agressora obriga a outra a manter relação sexual contra sua vontade. Empregam-se a manipulação, o uso da força física, ameaças, chantagem, suborno” (TELES; MELO, 2012, p. 19). Em vista disso, encontramos em nosso corpus vários episódios de estupros, e logo nos primeiros capítulos surge a primeira cena de violência sexual cometida pelo pai de Baltazar contra a mãe:

o meu pai deitando-se mais tarde, já a minha mãe adormecida de risonhar e tudo, e ele, com um empurrão que se escutava, entrava nela a acorda-la e, já hábito, a ela a surpresa não lhe trazia som à boca nem contorção maior. era só um súbito silêncio no ronco que dava lugar ao gemido, um pouco depois, para alívio rápido do meu pai. (MÃE, 2018, p. 34).

Claramente a cena descrita se trata de um estupro, visto que a mulher estava dormindo enquanto é penetrada, sem nenhuma possibilidade de consentir o ato. Além disso, percebemos a brutalidade que o ato é cometido, visto que Baltazar enfatiza a forma que ele a penetrou “com um empurrão que se escutava”. Assim, “embora seja difícil o reconhecimento da violência sexual entre parceiros íntimos, ela acontece, principalmente, em culturas em que a prática sexual não consensual é tida como um dever da esposa” (COELHO; SILVA; LINDNER, 2014, p. 24). Esses atos eram tão comuns, entre os Sargas, que os filhos ouviam todo o desenrolar da violência do quarto ao lado. Como mostra o excerto abaixo:

quantas vezes nos suspeitávamos acordados mutuamente, eu e o aldegundes, quando no fim de tudo podíamos rebentar de desejo, correndo no pensamento todas as raparigas solteiras e casadas da terra, e forçando o sono a levar-nos a consciência como se quiséssemos esconder a cabeça do seu próprio corpo. (MÃE, 2018, p. 34).

Essas cenas os deixavam ávidos para terem mulheres para que pudessem realizar seus desejos. A violência era algo natural para eles e acreditavam fazer parte da rotina de um casal. Notamos que os filhos se espelham e desejam reproduzir o comportamento e atos violentos do pai. Nesse sentido:

Como o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos – aquele que inicialmente transmite valores, hábitos e costumes, ajudando a formar as personalidades – a família baseia-se na distribuição de afetos e papéis sociais, sendo marcada por diferenças de poder entre os sexos e entre as gerações. (SCHENKER; CAVALCANTE, 2020, p.58).

Contudo, sabemos que na Idade Média, era dever da esposa estar disponível para ter relações sexuais com o marido. “A mulher, assim como homem, podia exigir o cumprimento do que lhe era devido. Ela só era obrigada a pagar se o marido o exigisse explicitamente” (MACEDO, 2002, p. 26). Percebemos assim que na relação conjugal a prática sexual se dava como uma obrigação.

A Brunilde foi abusada desde muito cedo, aos onze anos foi trabalhar na casa dos senhores, pois segundo seu irmão mais velho: “diziam que lhe vinham as mamas tardava nada, preparava-se para ser leiteira” (MÃE, 2018, p. 26). Ou seja, antes mesmo do corpo se desenvolver a menina/mulher já devia servir aos desejos sexuais do senhor. Constatamos isso no fragmento abaixo:

era para que se conservasse boa de aparências, com a pele clara e as mãos ágeis, assim a queria o senhor para as servíças que lhe davam a ele, a esfregar-se nela pelos cantos da casa, a tentar retribuir-se de tudo o que dona catarina, velha das carnes, descaída e dada às maleitas, já não lhe oferecia. (MÃE, 2018, p. 28).

Quer dizer, Brunilde não era colocada em serviços pesados, dessa forma se preservaria bem cuidada, para servir de objeto sexual de Dom Afonso, como explica Baltazar: “assim, delicada se manteria, garantida por mais tempo uma atraente amante para os anseios do senhor” (MÃE, 2018, p. 35). O Sarga demonstrava que a irmã estava satisfeita com a vida que estava levando: “ela abanava a cabeça e sorria, como se sentisse calma e estivesse certa de que toda a vida lhe fossem abundar os mais nobres senhores” (MÃE, 2018, p. 36).

Porém, notamos em um dos diálogos a possível prática de sexo anal contra sua vontade, já que ela deixa claro ser “aborrecido”: “não sejas parvo, aquilo não é amor, é do cheiro, a outra só lhe cheira a merda, a mim põe-me a banhos constantemente para parecer que venho das nuvens como os anjos. deve ser aborrecido. Aborrecido é quando lhe dá para pôr por trás, à frente já não me parece nada” (MÃE, 2018, p. 35). Assim, devido as circunstâncias que ela se encontra, subalternizada, podemos inferir que sofria abusos constantes. Sobre isso, Teles e Melo alegam:

abuso sexual é a expressão usada para denominar a violência sexual praticada principalmente contra a criança e adolescente. Caracteriza-se pela imposição do desejo sexual de um adulto a uma criança ou adolescente para satisfação única e exclusiva de si próprio, usando o outro como objeto. (TELES; MELO, 2012, p. 20).

Diferentemente, a Teresa é apresentada como uma mulher que vive atraindo homens para ter relações sexuais, segundo Baltazar ela “parecia uma cadela no cio, farejando, aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, a espera de ser surpreendida por um macho que a tivesse” (MÃE, 2018, p. 36). E, também “abria-se como lençóis estendidos e recebia um homem com valentia sem queixa nem esmorecimento. era como gostava, total fúria e vontade, sem parar, a ganir de prazer” (MÃE, 2018, p. 36). Segundo Macedo (2002) na Idade Média o desejo sexual das mulheres era reprimido, e percebemos que isso não acontece com Teresa, que é retratada como uma mulher que se relaciona com vários homens em busca de prazer.

O Sarga, já depois de casado, em um de seus momentos de irritação com Ermesinda vai à procura de Teresa: “por isso, busquei a diaba para me vingar nela do compasso a que estava tomado meu tempo, desfeito de autoridade minha” (MÃE, 2018, p. 44). Ao relatar a relação sexual ele descreve como muito prazerosa para ela:

e a teresa apercebera-se da minha efusiva maneira, e estrebuchava de prazer mais acelerada nos proveitos, como lhe apetecia sempre quando era brutalizada pelo homem que atraía. [...]. e era como lhe vinha naquele fim de tarde, posta sob mim a bater com a cabeça no chão para se verter de submissão aos meus grilhões. (MÃE, 2018, p. 44).

Entretanto, só temos acesso a versão do narrador- personagem o que gera dúvidas quanto a veracidade de suas falas, visto que, a cena narrada aparenta uma violação, por tamanha brutalidade apresentada. Ainda, em outro momento Baltazar ensina Aldegundes como “capturar” a Teresa para ter relações sexuais com ela: “disse-lhe claramente, numa qualquer euforia, apanhá-la distraída por aí, sem deixares os outros verem demasiado, e pões-lhe as mãos no cu para que perceba ao que vais, não vá enxotar-te sem paciência, e alivias-te, que para isso a sustentam por aqui” (MÃE, 2018, p. 45).

Desse modo, fica claro que ela não tem poder de escolha, usada na iniciação sexual de muitos era considerada “escola” por Baltazar que alega: “eu sabia que mais do que dez se punham nela” (MÃE, 2018, p.36). As cenas descritas em nada aparentam relações sexuais consentidas, apesar do narrador afirmar que os atos praticados era o que satisfazia e agradava a Teresa.

As últimas e mais impactantes cenas de abuso sexual acontecem nos últimos capítulos, contra Ermesinda, que já se encontra muito debilitada devido as agressões com “pé torto, mão para o ar, braço colado ao peito, outra mão nenhuma, olho só buraco e cabeça descarecada às peladas, altos e baixos a faltar redondez de cabeça comum” (MÃE,

2018, p. 212). Desse modo, sem poder falar e nem reagir Ermesinda é brutalmente violentada por Dagoberto e Aldegundes:

sem perda de tempo, noite tão dentro e numa rapidez de invejar lebres, o aldegundes e o dagoberto queimavam os buracos da minha ermesinda, talvez por nos condenarmos àquele lugar, talvez porque ela não se podia defender de violência ou súplica, talvez por que se alheassem a mal do sofrimento que me causariam perante descoberta de tal acto. (MÃE, 2018, p. 213).

Mesmo acordando durante o ato Baltazar nada faz, e com o passar dos dias ele passar a ter relações sexuais com Ermesinda logo após os estupros: “foi como se repetiu por muitas noites o ritual, ao fim de dias em que também eu me completava com minha ermesinda, levando-lhe talvez um maior afecto, cortado esporadicamente pelo ódio azedando-me os sentidos”. (MÃE, 2018, p. 214). Isto é, ele presenciava toda a tortura que esposa estava passando, incapaz de se defender e ainda tinha a frieza de usar seu corpo. Além de tudo, ignorava qualquer tentativa de pedido de ajuda, como afirma: “e nem permiti que ela me dissesse por gestos e olhares que suplício era o seu de servir meu próprio irmão e amigo tão grande. por mais que me apertasse como podia, não lhe oferecia proteção” (MÃE, 2018, p. 214). O Sarga atua como expectador dos estupros coletivos até o último episódio:

ergui a cabeça lentamente e ao pé da fogueira estavam o aldegundes e o dagoberto uma vez mais torcendo a minha ermesinda. e mais a sarga se inquietava, mais a ermesinda bulia debaixo deles, esticada por um e por outro para corresponder em formas às entradas que eles queriam fazer. e ela trapalhava-se respirando com maior dificuldade. (MÃE, 2018, p. 215).

As cenas são inquietantes, brutais e até animais, eles agem como se não se tratasse de uma pessoa, se aproveitam da fragilidade de Ermesinda para usar seu corpo de todas as formas, como se fosse propriedade deles, um objeto. Nessa perspectiva, é a relação assimétrica de gênero que valida esse poder do homem sobre os corpos femininos. Sobre isso Nunes, Lima e Morais comunicam:

Estudos nacionais e internacionais apontam ser o sexo feminino o mais suscetível à violência sexual e os homens os principais autores de agressão. Isso explica-se principalmente pela relação desigual de poder, em razão da opressão de gênero existente entre o binômio homem-mulher. (NUNES; LIMA; MORAIS, 2017, p.964).

É, apenas, durante a última cena de estupro coletivo que Baltazar resolve agir, com um ar de superioridade diante dos outros homens: “aproximei-me dos dois, grande e imbatível como uma pedra de ódio construída no exercício do meu bom amor, e me pus diante deles tão pequenos” (MÃE, 2018, p. 216). Isso acontece quando a Ermesinda já está não suporta mais, está morrendo devido a tamanha violência praticada contra ela. Invaso pelo ódio Baltazar mata o irmão e o seu amigo Dagoberto: “e eu abati-me sobre os dois abrindo lado a lado os braços e punhos fechados. um só golpe com a violência da pedra mais furiosa do mundo, sobram no chão como mais nada ali estivesse” (MÃE, 2018, p. 216).

Segundo Teles e Melo (2012) o homem geralmente pratica a violência com a intenção de dominar a mulher e não a matar. Entretanto, sabemos que não é incomum ocorrer o assassinato, no caso de Ermesinda resultou em morte.

Ademais, a violência sexual “volta-se contra a sexualidade de uma pessoa, por meio da coação praticada por qualquer pessoa, independentemente de sua relação com a vítima e em qualquer cenário, inclusive em casa e no trabalho, mas não limitado a eles” (NUNES; LIMA; MORAIS, 2017, p.958). Em síntese, verificamos que os atos de violência sexual, presentes na obra, ocorreram em vários contextos e, os autores das violências foram sempre homens conhecidos ou que mantinham relacionamento amoroso com as vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, pudemos constatar que a violência é muito recorrente no romance e, por vezes, é usada como meio de resolver as divergências e suspeitas. Os Sargos se mostram bastante violentos com as mulheres, o modelo iniciado pelo pai vai sendo repetido pelo filho. Nesse sentido, as “famílias despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus próprios conflitos tendem a se tornar violentas” (SCHENKER; CAVALCANTE, 2020, p.58).

Os homens utilizam do poder que a sociedade lhe confere para subalternizar e impor seus desejos sobre os corpos femininos, que são as suas principais vítimas. Segundo Minayo (2020) a violência está presente em todas as sociedades, diz respeito a um problema social que acompanha a humanidade, “ela consiste no uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e coletividades” (MINAYO, 2020, p. 23). Assim, durante a análise verificamos que a cada

tentativa falha de controle, os atos violentos passam a acontecer com maior intensidade, pois os homens não aceitam ser desautorizados.

Segundo Silva, Coelho e Caponi (2007) a violência contra a mulher acontece de forma gradual começa pelas restrições, avança para humilhações e constrangimentos e em seguida parte para agressões físicas, “se inicia de uma forma lenta e silenciosa, que progride em intensidade e consequências” (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007, p. 99). Todavia, no romance as violências acontecem, em grande parte, de forma concomitante, ou em curto espaço de tempo entre uma forma de violência e outra.

As personagens femininas são insultadas, humilhadas, ameaçadas, agredidas fisicamente e estupradas durante toda a narrativa, pois são vistas como: “semelhantes e porcas de corpo, condenadas à inferioridade, à fraqueza” (MÃE, 2018, p. 27). Todas foram tratadas com crueldade em algum momento, contudo Ermesinda, Brunilde e a mãe são as que sofreram os ataques mais brutais, visto que, elas foram mortas em decorrência da violência de gênero.

Como mencionado ao longo do trabalho, Baltazar é o mais implacável dos agressores, comete todos os tipos de violências, contra diversas mulheres, e descreve as cenas de forma crua e natural, em momento algum se mostra arrependido pelos atos cometidos, afinal ele julgava estar agindo corretamente. No entanto, nos chamou atenção a cena em que o pai decide expulsar Brunilde de casa por estar grávida de Dom Afonso e Baltazar sai em sua defesa justificando: “meu pai, deixai-a ficar, que sob euforia do desejo de dom afonso a nossa brunilde devia poder nada” (MÃE, 2018, p. 185). Entretanto, ele não tem a mesma compreensão quando suspeita que Dom Afonso está tendo relações sexuais com Ermesinda, pelo contrário, ameaça e agride a esposa, mesmo sabendo que ela se encontra em situação semelhante à de Brunilde.

Dos cinco tipos de violência contra a mulher (física, psicológica, moral, patrimonial e sexual) presentes na Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, apenas não identificamos a ocorrência da violência patrimonial na obra analisada. Os episódios de agressão física e moral são narrados com mais frequência, contudo as outras formas de violência permeiam toda a obra. Assim, apesar da narrativa se ambientar na Idade Média, tais questões continuam presentes na atualidade e, na obra, existe um tom alegórico e de denúncia, visto que, diversas situações estão presentes na contemporaneidade como num continuum de violência que atravessa épocas, séculos, países e gerações.

Muitos dos acontecimentos expostos na obra, principalmente a violência cometida contra as mulheres, se assemelham ao que presenciamos nos dias atuais. Diariamente somos bombardeados com notícias, em diversos veículos de comunicação, de mulheres que foram espancadas, humilhadas, estupradas e mortas por homens e, muitas vezes, os agressores são os próprios companheiros, pois a mulher ainda é tratada, por muitos, como propriedade. Assim como no romance, é possível perceber que os homens querem as mulheres subalternizadas, sob seus domínios e, para conseguir, se utilizam das formas mais brutais de violência. A existência de leis para as proteger não impede que os atos violentos continuem ocorrendo. Dessa forma, entendemos que é de extrema importância os estudos relacionados a violência contra as mulheres e tipificação dessas violências, pois eles contribuem para a reflexão de um problema permanente e atual.

Diante disso, a pesquisa analisou as violências contra a mulher presentes apenas no romance *o remorso de baltazar serapião*, assim, abre lacunas para que seja investigado em outras narrativas, com o objetivo, por exemplo, de fazer um estudo comparativo entre os tipos de violências existentes em cada obra.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Joilson Mendes; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. *A Insólita Condição Feminina em O Remorso de Baltazar Serapião, de Valter Hugo Mãe*. REDISCO, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 119-131, 2014.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*; tradução Maria Helena Kühner, - 11ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. *Lei Maria da Penha (2006)*. Lei Maria da Penha e Legislação Correlata. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011. 58 p

BRASIL. *Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 20 out. 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. *Violência: definições e tipologias*. Florianópolis: UFSC, 2014.

CONNEL, Robert W. *Políticas da masculinidade*. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 2, ns 20, 1995, p. 185-206.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*/ Georges Duby; tradução Jônatas Batista Neto. — São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FERREIRA, Mary. Resenha ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Políticas Públicas, São Luís, v. 18, n. 2, p. 539-542, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321133267017>. Acesso em: 20 out. 2021.

FREIRE, M. S.; PEREIRA SOBRINHO, V.; DA CONCEIÇÃO, G. H. *A figura feminina no contexto da inquisição*. Educere et Educare, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p. 53–58, 2000. DOI: 10.17648/educare.v1i1.1003. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/1003>. Acesso em: 2 nov. 2021.

FREITAS, Guilherme. *Entrevista com Valter Hugo Mãe, convidado da FLIP*. Suplemento Prosa e Verso. O Globo, 22/01/2011. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/entrevista-com-valter-hugo-mae-convidado-da-flip-2011-358043>. Acesso em: 15 ago. 2021.

KODIC, Marília. *Mãe com maiúscula*. Cult, São Paulo, 7 de dezembro de 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mae-com-maiuscula/>. Acesso em: 30 set. 2021.

LACERDA, Elbany Patrícia Souza. *Uma análise do amor patológico, na obra o Remorso de Baltazar Serapião, de Valter Hugo Mãe*. 35 p. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Licenciatura em Letras – Português) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/10971>. Acesso em: 08 out. 2021.

LIMA DC, BÜCHELE F, CLÍMACO DA. *Homens, gênero e violência contra a mulher*. Saúde Soc. 2008; 17(2): 69-81.

LOPES, Bruna Soares. *A performatividade do discurso feminino na obra o remorso de Baltazar Serapião, de Valter Hugo Mãe*. 44 p. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Licenciatura em Letras – Português / Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2016.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2002.

MADEIRA, Maria Zelma de A. & COSTA, Renata G. *Desigualdades de gênero, poder e violência: uma análise da violência contra a mulher*. O público e o privado. n° 19, 2012, p.83

MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MÃE, Valter Hugo. *o apocalipse dos trabalhadores*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. *o nosso reino*. São Paulo: Editora 34, 2012.

MÃE, Valter Hugo. *o remorso de baltazar serapião*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.

MINAYO, M.C.S. *Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde*. In: NJAINE, K., ASSIS, S.G., CONSTANTINO, P., and AVANCI, J.Q., eds. *Impactos da Violência na Saúde* [online]. 4th ed. updat. Rio de Janeiro: Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, ENSP, Editora FIOCRUZ, 2020, pp. 19-42. ISBN: 978-65-5708-094-8. <https://doi.org/10.7476/9786557080948.0003>.

MORISSON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

NUNES MC, LIMA RF, MORAIS NA. *Violência sexual contra mulheres: um estudo comparativo entre vítimas adolescentes e adultas*. Psicologia (Cons Fed Psicol). 2017; 37 (4): 956-69.

RODRIGUES, Sonia Maria. *o remorso de baltazar serapião: uma escrita de ruptura*. São Paulo, 2012. 191 p. Dissertação (Mestrado) –Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2177>. Acesso em 22 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. In: Cadernos Pagu, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos/NIPAS, Brasília: UNICEF, 1994.

SALLES, Penélope Eiko Aragaki. *A desumanização em o remorso de Baltazar serapião: uma análise da violência dos homens contra mulheres*. São Paulo, 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SCHENKER, M., and CAVALCANTE, F.G. *Violência, família e sociedade*. In: NJAINE, K., ASSIS, S.G., CONSTANTINO, P., and AVANCI, J.Q., eds. *Impactos da Violência na Saúde* [online]. 4th ed. updat. Rio de Janeiro: Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, ENSP, Editora FIOCRUZ, 2020, pp. 57-76. ISBN: 978-65-5708-094-8. <https://doi.org/10.7476/9786557080948.0005>.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, L., COELHO, E., & CAPONI, S. *Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica*. Interface: Comunicação, Saúde, Educação 2007, 11 (21), 93-103.

SQUINCA F, DINIZ D, BRAGA K. *Violência sexual contra a mulher: um desafio para o ensino e a pesquisa no Brasil*. Rev Bioética 2006; 12(2): 127-35.

TEDESCHI, L. A. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. / Losandro Antonio Tedeschi. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. 144p

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. *O que é Violência contra a Mulher*. 1. ed. 3. Reimp. São Paulo, Brasiliense, 2012.

VIANA, L. *Poema em vermelho*. In: Mulheres das Letras. CASTRO, P. de. (org.). 2º ed. Editora Litere-se: Rio de Janeiro, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Tradução de Miguel Serras Pereira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.